Pérolas de Paulo Coelho

Textos extraídos de sua coluna semanal na Folha de São Paulo, entre 2000 e 2001.

Compilado by Ivo, Jul/2005

Eu sou parte da terra

As guerras entre os conquistadores do Oeste americano e os índios tornavam-se cada vez mais violentas. Pouco antes de morrer, o pai do Cacique Joseph (1840-1904) chamou-o:

"Meu filho, meu corpo em breve voltará a Mãe Terra", disse. "Quando eu partir, esta terra é a tua herança. Não estou deixando dinheiro, riquezas, e o poder que agora você recebe não é motivo de orgulho, mas de responsabilidade. Deixo em tuas mãos o solo em que pisas, e o nosso povo; espero que sejas digno disso. Em breve o homem branco nos cercará por completo, e vai tentar comprar nossa Mãe. Lembre-se que meu corpo está ali, que sou parte Dela".

Joseph pegou a mão de seu pai, apertou-a contra seu peito, e prometeu jamais vender a terra.

O branco tentou comprar, e o cacique não vendeu. Vieram combates cada vez mais sangrentos, e Joseph liderou seu exército contra os soldados americanos. Quando foi capturado, perguntaram porque defendia uma causa perdida.

"Um homem não vende os ossos de seu pai", disse o cacique.

A morte anunciada

Em meados de 1970, quando estava prestes a completar seu doutorado em física, o cientista Stephen Hawking - já então portador de uma doença que ia paralisando seus movimentos - escutou um médico dizer que tinha apenas dois anos de vida.

"Então posso tentar entender o Universo, porque não vou mais precisar pensar em coisas como aposentadoria e contas a pagar" resolveu.

Como a doença progredia rapidamente, foi obrigado a criar fórmulas simples para explicar - no menor espaço de tempo possível - tudo aquilo que pensava.

Dois anos e meio se passaram, vinte anos se passaram, e Hawking continua vivo. É capaz de comunicar suas idéias abstratas através de um pequeno computador acoplado a sua cadeira de rodas, e que possui apenas 500 palavras diferentes. Escreveu o clássico "Uma breve história do tempo"(Ed. Rocco), e foi responsável por uma nova visão da Física moderna.

A doença, ao invés de conduzi-lo a invalidez total, forçou-o a descobrir uma nova maneira de raciocínio.

Não esqueça os maus

A seguinte oração foi encontrada entre os pertences pessoais de um judeu, morto num campo de concentração:

"Senhor: quando vieres na Tua glória, não te lembres apenas dos homens de boa vontade; lembra-Te também dos homens de má vontade".

"E, no dia do Julgamento, não Te lembres apenas das crueldades, sevícias, e violências que eles praticaram: lembra-Te também dos frutos que produzimos por causa do que eles nos fizeram. Lembra-Te da paciência, da coragem, da confraternização, da humildade, da grandeza de alma e da fidelidade, que nossos carrascos terminaram por despertar em nossas almas".

"Permite então, Senhor, que os frutos por nós produzidos possam servir para salvar as almas os homens de má vontade".

Quatro histórias passadas no Japão

Concorrendo com os americanos

Ao visitar o Japão, para promover "O Diário de Um Mago", perguntei ao editor Masao Masuda , por que os japoneses conseguiram conquistar mercados que antes eram dominados pelos americanos.

- Muito simples - respondeu Masuda. - Os americanos têm uma idéia, trancam-se numa sala com pesquisas, tomam decisões, e gastam uma energia imensa para provar que estavam certos. Nós não queremos provar nada a ninguém: deixamos que cada ser humano manifeste suas necessidades, e procuramos soluciona-las. O resultado prático é que cada um termina comprando aquilo que já desejava antes.

"Quem só deseja demonstrar que está certo, termina por agir errado".

O verdadeiro respeito

Durante a evangelização no Japão, um missionário foi preso por samurais.

- Se quiser continuar vivo, amanhã terá que pisar a imagem de Cristo, diante de todos - disseram os guerreiros.

O missionário foi dormir, sem nenhuma dúvida no coração: jamais cometeria tal sacrilégio, e estava preparado para o martírio.

Acordou no meio da noite, e ao levantar-se da cama, tropeçou num homem que dormia no chão. Quase caiu para trás: era Jesus Cristo em pessoa!

- Agora que já pisou em mim, vá lá fora e pise na minha imagem - disse Jesus. -Porque lutar por uma idéia é muito mais importante que a vaidade de um sacrifício.

Destruindo e reconstruindo

Sou convidado a ir a Guncan-Gima, onde existe um templo zen-budista. Quando chego lá, fico surpreso: a belíssima estrutura está situada no meio de uma imensa floresta, mas com um gigantesco terreno baldio ao lado.

Pergunto a razão daquele terreno, e o encarregado explica:

-É o local da próxima construção. A cada vinte anos, destruímos este templo que você está vendo, e o reconstruímos ao lado.

"Desta maneira, os monges carpinteiros, pedreiros e arquitetos, tem possibilidade de estar sempre exercendo suas habilidades, e ensina-las - na prática - aos seus aprendizes. Mostramos também que nada na vida é eterno - e até mesmo os templos estão num processo de constante aperfeiçoamento".

A medida do amor

- Sempre desejei saber se era capaz de amar minha mulher como o senhor ama a sua - disse o jornalista Keichiro a meu editor Satoshi Gungi, enquanto jantávamos.

- Não existe nada alem do amor – foi a resposta. - É ele que mantém o mundo girando e as estrelas suspensas no céu.

- Sei disso. Mas como vou saber se meu amor é grande o suficiente?

- Procure saber se você se entrega, ou se você foge de suas emoções. Mas não faça perguntas como esta porque o amor não é grande nem pequeno; é apenas o amor.

"Não se pode medir um sentimento como se mede uma estrada. Se você fizer isso, vai começar a comparar com o que lhe contam, ou com o que está esperando encontrar. Desta maneira, sempre vai escutando uma história, ao invés de percorrer seu próprio caminho".

Sempre é possível ver de maneira diferente

O eterno insatisfeito

Shanti percorria as cidades pregando a palavra Divina, quando um homem veio procurá-lo para que curasse seus males.

- Trabalhe, alimente-se, e louve a Deus - respondeu Shanti.

- Quando trabalho, sinto minhas costas doerem. Quando como, minha barriga queima com azia. Quando bebo, minha garganta arde com a bebida. Quando rezo, sinto que Deus não me escuta.

- Então busque outra pessoa para ensiná-lo.

O homem foi embora, revoltado. Shantih comentou com os que ouviam a conversa:

- Ele tinha duas formas de encarar cada coisa, e escolheu sempre a pior. Quando morrer, é possível que também reclame do frio dentro do túmulo.

Qual o melhor caminho

Quando perguntaram ao abade Antonio se o caminho do sacrifício levava ao céu, este respondeu:

- Existem dois caminhos de sacrifício. O primeiro é o do homem que mortifica a carne, faz penitência, porque acha que estamos condenados. Este homem sente-se culpado, e julga-se indigno de viver feliz. Neste caso, ele não chega a lugar nenhum, porque Deus não habita a culpa.

" O segundo é o do homem que, embora sabendo que o mundo não é perfeito como todos queríamos que fosse, reza, faz penitência, oferece seu tempo e seu trabalho para melhorar o ambiente ao seu redor. Neste caso, a Presença Divina o ajuda o tempo todo, e ele consegue resultados no Céu".

Continue no deserto

- Por que o senhor vive no deserto? - perguntou o cavaleiro.

- Porque não consigo ser o que desejo.

- Ninguém consegue. Mas é preciso tentar - insistiu o cavaleiro.

- Impossível. Quando começo a ser eu mesmo, as pessoas me tratam com uma reverência falsa. Quando sou verdadeiro a respeito de minha fé, então elas que começam a duvidar. Todos acreditam que são mais santos que eu, mas fingem-se de pecadores com medo de insultar minha solidão. Procuram mostrar o tempo todo que me consideram um santo; e assim se transformam em emissários do demônio, me tentando com o Orgulho.

- Seu problema não é tentar ser quem é, mas aceitar os outros como são. E agir assim, é melhor continuar no deserto - disse o cavaleiro, afastando-se.

Estou morrendo de fome

Em plena tempestade de neve, o viajante chegou ao convento.

- Estou morrendo de frio e de fome, e não tenho como ganhar meu sustento; preciso comer.

Acontece que, justamente naquele dia, a tempestade havia impedido os monges de reabastecerem a dispensa, e não havia absolutamente nada para comer ou beber. Compadecido, o abade abriu o sacrário, tirou as hóstias consagradas e o cálice de vinho, e fez com que o estranho se alimentasse com eles.

Os outros monges ficaram horrorizados:

- Isso é um sacrilégio!

- Por que sacrilégio? - respondeu o abade. - Vocês ouviram falar de David, que comeu o pão do tabernáculo quando passava fome. Cristo curava no sábado, sempre que era necessário.

"Eu apenas coloquei o espírito de Jesus em ação: amor e misericórdia agora podem fazer seu trabalho. "

Do “Verba Seniorum”

Os ensinamentos dos padres do deserto, que viviam no mosteiro de Sceta, em Alexandria, tem sido uma constante fonte de inspiração para diversas gerações (e para esta coluna). Aqui vão mais algumas histórias:

A cidade do outro lado

Um eremita do mosteiro de Sceta se aproximou do Abade Teodoro:

- Sei exatamente qual o objetivo da vida. Sei o que Deus pede ao homem, e conheço a melhor maneira de servi-Lo. E, mesmo assim, sou incapaz de fazer aquilo tudo que devia estar fazendo para servir ao Senhor.

O abade Teodoro ficou um longo tempo em silencio. Finalmente disse:

- Você sabe que existe uma cidade do outro lado do oceano. Mas ainda não encontrou o navio, não colocou sua bagagem a bordo, e não cruzou o mar. Por que ficar comentando como ela é, ou como devemos caminhar por suas ruas?

“Saber o objetivo da vida, ou conhecer a melhor maneira de servir ao Senhor, não basta. Coloque em prática o que você está pensando, e o caminho se mostrará por si mesmo”.

Comporte-se como os outros

O Abade Pastor caminhava com um monge de Sceta, quando foram convidados para comer. O dono da casa, honrado pela presença dos padres, mandou servir o que havia de melhor.

Entretanto, o monge estava no período de jejum; assim que a comida chegou, pegou uma ervilha, e mastigou-a lentamente. Só comeu esta ervilha, durante todo o jantar.

Na saída, o abade Pastor chamou-o:

- Irmão, quando for visitar alguém, não torne a sua santidade uma ofensa. Da próxima vez que estiver em jejum, não aceite convites para jantar.

monge entendeu o que o abade Pastor dizia. A partir daí, sempre que estava com outras pessoas, se comportava como elas.

O trabalho na lavoura

rapaz cruzou o deserto, e chegou finalmente ao mosteiro de Sceta, perto de Alexandria. Ali, pediu para assistir uma das palestras do abade - e recebeu permissão.

Naquela tarde, o abade discorreu sobre a importância do trabalho na lavoura.

No final da palestra, o rapaz disse a um dos monges:

- Fiquei muito impressionado. Achei que ia encontrar um sermão iluminado sobre as virtudes e os pecados, e o abade só falava de tomates, irrigação, e coisas assim. Do lugar onde venho, todos acreditam que Deus é misericórdia: basta rezar.

monge sorriu, e respondeu:

- Aqui, nós acreditamos que Deus já fez a parte Dele; agora cabe a nós continuar o processo.

Julgando o meu próximo

Um dos monges de Sceta cometeu uma falta grave, e chamaram o ermitão mais sábio para que pudesse julgá-la.

O ermitão se recusou, mas insistiram tanto, que ele terminou por ir. Chegou ali carregando nas costas um balde furado, de onde escorria areia.

- Vim julgar meu próximo - disse o ermitão para o superior do convento. - Meus pecados estão escorrendo detrás de mim, como a areia escorre deste balde. Mas, como não olho para trás, e não me dou conta dos meus próprios pecados, fui chamado para julgar meu próximo!

Os monges desistiram da punição na mesma hora.

Fragmentos de um diário inexistente - VIII

Pedindo esmolas

Faz parte do treinamento dos monges zen-budistas uma prática conhecida como takuhatsu - a peregrinação para mendigar. Além de ajudar os mosteiros que vivem de doações e forçar o discípulo a ser humilde, esta prática tem ainda um outro sentido: purificar a cidade onde mora.

Isto porque - segundo a filosofia Zen - o doador, o pedinte, e a própria esmola fazem parte de uma importante cadeia de equilíbrio.

Aquele que pede, assim o faz porque está precisando; mas aquele que dá, age desta maneira porque também está precisando.

A esmola serve como a ligação entre duas necessidades, e o ambiente da cidade melhora, já que todos puderam realizar ações que precisavam ter acontecido.

Moisés divide as águas

"As vezes a gente se acostuma com o que vê nos filmes, e termina esquecendo a verdadeira historia", diz um amigo, enquanto olhamos juntos o porto de Miami. "Lembra-se dos "Dez Mandamentos? "

Claro que me lembro. Moisés – Charton Heston – em determinado momento levanta seu bastão, as águas se dividem, e o povo hebreu atravessa a grande água.

"Na Bíblia é diferente". Comenta meu amigo. "Ali, Deus ordena a Moisés: "diz aos filhos de Israel que marchem". E só depois que começam a andar é que Moisés levanta o bastão, e o Mar Vermelho se abre".

"Só a coragem no caminho faz com que o caminho se manifeste".

Agindo no impulso

O padre Zeca, da Igreja da Ressurreição em Copacabana, conta que estava num ônibus, e de repente escutou uma voz dizendo que ele devia levantar-se e pregar a palavra de Cristo ali mesmo.

Zeca começou a conversar com a voz: "vão me achar ridículo, isto não é lugar para sermão", disse. Mas algo dentro dele insistia era preciso falar. "Sou tímido, por favor não me peça isto", implorou.

O impulso interior persistia.

Então ele lembrou-se de sua promessa – abandonar-se a todos os desígnios de Cristo. Levantou – morrendo de vergonha – e começou a falar do Evangelho. Todos escutaram em silêncio. Ele olhava cada passageiro, e eram raros os que desviavam os olhos. Disse tudo que sentia, terminou seu sermão, e sentou-se de novo.

Até hoje não sabe que tarefa cumpriu naquele momento. Mas tem absoluta certeza de que cumpriu uma tarefa.

Preciso viver minhas graças

Preciso viver todas as graças que Deus me deu hoje. A graça não pode ser economizada. Não existe um banco onde depositamos as graças recebidas, para utilizá-las de acordo com nossa vontade. Se eu não usufruir destas bênçãos, vou perdê-las irremediavelmente.

Deus sabe que somos artistas da vida. Um dia nos dá formão para esculturas, outro dia pincéis e tela, outro dia nos dá uma pena para escrever. Mas jamais conseguiremos usar formão em telas, ou penas em esculturas. A cada dia, o seu milagre. Preciso aceitar as bênçãos de hoje, para criar o que tenho; se fizer isso com desapego e sem culpa, amanhã receberei mais.

Mojud e a vida inexplicável

(inspirado em um conto sufi)

Mojud era um funcionário de uma repartição pública em uma pequena cidade do interior. Não tinha qualquer perspectiva de um emprego melhor, e seu país atravessava uma grande crise econômica, e Mojud já estava resignado em passar o resto de sua vida trabalhando oito horas por dia, e tentando divertir-se durante as noites e os finais de semana, vendo televisão.

Certa tarde, Mojud viu dois galos brigando. Com pena dos animais, foi até o meio da praça para separá-los, sem dar-se conta que estava interrompendo uma luta de galos-de-briga. Irritados, os espectadores espancaram Mojud. Um deles ameaçou-o de morte, porque o seu galo estava quase ganhando, e ia receber uma fortuna em apostas.

Com medo, Mojud resolveu deixar a cidade. As pessoas estranharam quando ele não apareceu no emprego – mas como havia vários candidatos para o posto, esqueceram rápido o antigo funcionário.

Depois de três dias viajando, Mojud encontrou um pescador.

- Onde você está indo? – perguntou o pescador.

- Não sei.

Compadecido da situação do homem, o pescador levou-o para sua casa. Depois de uma noite de conversas, descobriu que Mojud sabia ler, e propos um trato: ensinaria o recém-chegado a pescar, em troca de aulas de alfabetização.

Mojud aprendeu a pescar. Com o dinheiro dos peixes, comprou livros para poder ensinar ao pescador. Lendo, aprendeu coisas que não conhecia.

Um dos livros, por exemplo, ensinava marcenaria, e Mojud resolveu montar uma pequena oficina.

Ele e o pescador compraram ferramentas, e passaram a fazer mesas, cadeiras, estantes, equipamentos de pesca.

Muitos anos se passaram. Os dois continuavam a pescar, e contemplavam a natureza durante o tempo que passavam no rio. Os dois também continuavam a estudar, e os muitos livros desvendavam a alma humana. Os dois continuavam a trabalhar na marcenaria, e o trabalho físico os deixava saudáveis e fortes.

Mojud adorava conversar com os fregueses. Como agora era um homem culto, sábio, e saudável, as pessoas lhe pediam conselhos. A cidade inteira começou a progredir, porque todos viam em Mojud alguém capaz de dar boas soluções aos problemas da região.

Os jovens da cidade formaram um grupo de estudos com Mojud e o pescador, e logo espalharam aos quatro ventos que eram discípulos de sábios. Um dos jovens perguntou, certa tarde:

- Mojud resolveu abandonar tudo para dedicar-se a busca da sabedoria?

- Não – respondeu Mojud. – Eu tinha medo de ser assassinado na cidade onde vivia.

Mas os discípulos aprendiam coisas importantes, e logo transmitiam à outras pessoas. Um famoso biógrafo foi chamado para relatar a vida dos Dois Sábios, como eram agora conhecidos. Mojud e o pescador contaram o que tinha acontecido.

- Mas nada disso reflete a sabedoria de vocês – disse o biógrafo.

- Tem razão – respondeu Mojud. – Mas é a verdade. – Nada de especial aconteceu em nossas vidas.

O biógrafo escreveu durante cinco meses. Quando o livro foi publicado, transformou-se num grande êxito de vendas. Era uma maravilhosa e excitante história de dois homens que buscam o conhecimento, largam tudo que faziam, lutam contra as adversidades, encontram mestrês secretos.

- Não é nada disso – disse Mojud, ao ler sua biografia.

- Santos precisam ter vidas excitantes – respondeu o biógrafo. – Uma história tem que ensinar algo, e a realidade nunca ensina nada.

Mojud desistiu de argumentar. Sabia que a realidade era o que ensinava tudo que um homem precisa saber, mas não adiantava tentar explicar isso.

"Que os tolos continuem vivendo com suas fantasias", disse para o pescador.

E ambos continuaram a ler, escrever, pescar, trabalhar na marcenaria, ensinar os discípulos, fazer o bem. Só prometeram nunca mais tornar a ler livros sobre vida de santos, já que as pessoas que escrevem este tipo de livro não compreendem uma verdade bem simples: tudo que um homem comum faz em sua vida o aproxima de Deus.

Três histórias de mosteiros

Perdoando os inimigos

O abade reuniu-se com seu aluno preferido, e perguntou como ia seu progresso espiritual. O aluno respondeu que estava conseguindo dedicar a Deus todos os momentos de seu dia.

- Então, falta apenas perdoar os seus inimigos.

O rapaz ficou chocado:

- Mas eu não preciso! Não tenho raiva de meus inimigos!
- Você acha que Deus tem raiva de você?
- Claro que não!

- E mesmo assim você pede Seu perdão, não é verdade? Faça o mesmo com seus inimigos, mesmo que não sinta ódio por eles. Quem perdoa, está lavando e perfumando o próprio coração.

Os visitantes indesejáveis

- Não temos portões em nosso mosteiro - Shantih comentou com o visitante.
- E como fazem com os ladrões?
- Não há nada de valioso aqui dentro. Se houvesse, já teríamos dado a quem precisa.
- E as pessoas inoportunas, que vem perturbar a paz de vocês?
- Nós as ignoramos, e elas vão embora - disse Shantih.
- Só isto? E isto dá resultado?

Shantih não respondeu. O visitante insistiu algumas vezes. Vendo que não obtinha resposta, resolveu partir.

"Viu como funciona?" Disse Shantih para si mesmo, sorrindo.

O discípulo embriagado

Um mestre zen tinha centenas de discípulos. Todos rezavam na hora certa – exceto um, que vivia bêbado.

O mestre foi envelhecendo. Alguns dos alunos mais virtuosos começaram a discutir quem seria o novo líder do grupo, aquele que receberia os importantes segredos da Tradição.

Na véspera de sua morte, porém, o mestre chamou o discípulo bêbado e lhe transmitiu os segredos ocultos.

Uma verdadeira revolta tomou conta dos outros.

- Que vergonha! – gritavam pelas ruas. - Nos sacrificamos por um mestre errado, que não sabe ver nossas qualidades.

Escutando a confusão do lado de fora, o mestre agonizante comentou:

- Eu precisava passar estes segredos para um homem que eu conhecesse bem. Todos os meus alunos eram muito virtuosos, e mostravam apenas suas qualidades. Isso é perigoso; a virtude muitas vezes serve para esconder a vaidade, o orgulho, a intolerância.

"Por isso escolhi o único discípulo que eu conhecia realmente bem, já que podia ver seu defeito: a bebedeira".

Provérbios do Espaço Cibernético

"Nada é mais constrangedor que ver alguém realizando uma coisa que você garantia ser impossível"
Sam Ewing

"Quem tem saúde, tem esperança. E quem tem esperança, tem tudo"
Anônimo árabe

"O tempo investido em nós mesmos elimina o tempo perdido na desaprovação do que os outros fazem"
Anônimo

Duas reflexões sobre animais

O sapo e a água quente

Adapto aqui um texto enviado pelo advogado Renato Pacca, que atribui sua autoria a um gerente de uma agencia bancária em São Paulo:

Vários estudos biológicos demostram que um sapo colocado num recipiente com a mesma água de sua lagoa, fica estático durante todo o tempo em que aquecemos a água, mesmo que ela ferva. O sapo não reage ao gradual aumento de temperatura (mudanças de ambiente) e morre quando a água ferve.

Inchado e feliz.

Por outro lado, outro sapo que seja jogado nesse recipiente com a água já fervendo, salta imediatamente para fora. Meio chamuscado, porém vivo!

Às vezes, somos sapos fervidos. Não percebemos as mudanças. Achamos que está tudo muito bom, ou que o que está mal vai passar - é só questão de tempo. Estamos prestes a morrer, mas ficamos boiando, estáveis e apáticos, na água que se aquece a cada minuto. Acabamos morrendo, inchadinhos e felizes, sem termos percebido as mudanças à nossa volta.

Sapos fervidos não percebem que além de ser eficientes (fazer certo as coisas), precisam ser eficazes (fazer as coisas certas). E para que isso aconteça, há a necessidade de um contínuo crescimento, com espaço para o diálogo, para a comunicação clara, para dividir e planejar, para uma relação adulta. O desafio ainda maior está na humildade em atuar respeitando o pensamento do próximo.

Há sapos fervidos que ainda acreditam que o fundamental é a obediência, e não a competência: manda quem pode, e obedece quem tem juízo. E nisso tudo, onde está a vida de verdade? É melhor sair meio chamuscado de uma situação, mas vivos e prontos para agir.

A Lição da Borboleta

A leitora Sonaira D'Avila me envia a seguinte história:

Um homem estava observando, horas a fio, uma borboleta esforçando-se para sair do casulo. Ela conseguiu fazer um pequeno buraco, mas seu corpo era grande demais para passar por ali. Depois de muito tempo, ela pareceu ter perdido as forças, e ficou imóvel.

O homem, então, decidiu ajudar a borboleta; com uma tesoura, abriu o restante do casulo, e libertando-a imediatamente. Mas seu corpo estava murcho e era pequeno e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observa-la, esperando que, a qualquer momento, suas asas dela se abrissem e ela levantasse vôo. Mas nada disso aconteceu; na verdade, a borboleta passou o resto da sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas, incapaz de voar.

O que o homem - em sua gentileza e vontade de ajudar - não compreendia, era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura, foi o modo escolhido pela natureza para exercita-la e fortalecer suas asas.

Algumas vezes, um esforço extra é justamente o que nos prepara para o próximo obstáculo a ser enfrentado. Quem se recusa a fazer este esforço, ou quem tem uma ajuda errada, termina sem condições de vencer a batalha seguinte, e jamais consegue voar até o seu destino.

Refletindo sobre o aprendizado

O rabino Elisha ben Abuyah costumava dizer:

"Aqueles que estão abertos às lições da vida, e que não se alimentam de preconceitos, são como uma folha em branco, onde Deus escreve suas palavras com a tinta divina".

" Aqueles que estão sempre olhando o mundo com cinismo e preconceito, são como uma folha já escrita, onde não cabem novas palavras.

"Não se preocupe com o que já sabe, ou com o que ignora. Não pense no passado nem no futuro, apenas deixe que as mãos divinas tracem, a cada dia, as supresas do presente"

Três histórias sobre orações

A oração que Deus entendia

No ano de 1502, durante a conquista da América, um missionário espanhol visitava uma ilha perto do México, quando encontrou três sacerdotes astecas.

- Como vocês rezam? - perguntou o padre.

- Temos apenas uma oração - respondeu um dos astecas. – Dizemos: " Ó meu Deus, Tú és três, e nós somos três. Tende piedade de nós".

- É uma bela oração, mas Deus não entende estas palavras. Vou ensinar-lhes uma oração que Deus escuta.

E ates de seguir seu caminho, fez com que os astecas decorassem uma oração católica.

O missionário evangelizou vários povos, e cumpriu sua missão com um zêlo exemplar. Depois de muito tempo pregando a palavra da Igreja na América, chegou o momento de retornar à Espanha.

No caminho de volta, passou pela mesma ilha onde estivera alguns anos antes.

Quando a caravela se aproximava, o padre viu os três sacerdotes, caminhando sobre as águas, e fazendo sinal para que a caravela parasse.

- Padre! Padre! - gritava um deles. - Por favor, torna a nos ensinar a oração que Deus escuta, porque não conseguimos lembrar!

- Não importa – respondeu o missionário, ao ver o milagre. E pediu perdão a Deus, por não haver entendido que Ele falava todas as línguas.

As duas listas

No dia do Perdão (Yom Kyppur), o rabino Elimelekh de Lsensk levou seus discípulos até oficina de um pedreiro.

- Reparem o comportamento deste homem - disse. - Porque ele consegue entender-se bem com D'us.

Sem notar que estava sendo observado, o pedreiro terminou seus afazeres e foi para a janela. Tirou um pedaço de papel do bolso, e levantou-o para o céu, dizendo:

- Senhor, nesta folha escrevi a lista de meus pecados. Eu errei, e não tenho porque esconder que Te ofendi varias vezes. Eis aqui a lista de tudo que fiz de errado.

O ferreiro enfiou de novo a mão no bolso, e tirou outra folha de papel, levantando-a também para o céu:

- Entretanto, aqui está a lista dos Teus pecados para comigo, Senhor. Exigiste de mim alem do necessário, me fizeste viver alguns dias muito difíceis, e me fizeste sofrer. Se compararmos as duas listas, o Senhor está em débito para comigo.

"Mas como hoje é o Dia do Perdão, Tu me perdoas, eu Te perdôo, e continuaremos juntos o nosso caminho, livre de culpas".

Rezando por todos

Um lavrador com a esposa doente, chamou um sacerdote budista à sua casa. O sacerdote começou a rezar pedindo que Deus curasse todos os enfermos.

- Um momento - interrompeu o lavrador. - Eu pedi para que rezasse por minha esposa, e o senhor pede por todos os doentes; pode terminar beneficiando o meu vizinho, que está doente também. E eu não gosto dele.

- Você não entende nada de curas - disse o monge, afastando-se. - Ao rezar por todos, estou unindo minhas preces as milhares de pessoas que encontram-se agora pedindo por seus doentes. Somadas, estas vozes chegam até Deus e beneficiam a todos. Divididas, elas perdem sua força, e não chegam a lugar nenhum.

Fragmentos de um diário inexistente - VI
A corrida de bicicleta

A vida é como uma grande corrida de bicicleta - cuja meta é cumprir a lenda Pessoal.

Na largada, estamos juntos - compartilhando camaradagem e entusiasmo. Mas, a medida que a corrida se desenvolve, a alegria inicial cede lugar aos verdadeiros desafios: o cansaço, a monotonia, as dúvidas sobre a própria capacidade.

Reparamos que alguns amigos desistiram do desafio - ainda estão correndo, mas apenas por que não podem parar no meio de uma estrada; eles são numerosos, pedalam ao lado do carro de apoio, conversam entre si, e cumprem uma obrigação.

Terminamos por nos distanciar deles; e então somos obrigados a enfrentar a solidão, as surpresas com as curvas desconhecidas, os problemas com a bicicleta. E, ao cabo de algum tempo, começamos a nos perguntar se vale a pena tanto esforço.

Sim, vale a pena. É só não desistir.

Santo Agostinho e a lógica

Deus fala conosco através de sinais. É uma linguagem individual, que requer fé e disciplina para ser totalmente absorvida.

Santo Agostinho foi convertido desta maneira. Durante anos procurou, em várias correntes filosóficas, uma resposta para o sentido da vida. Certa tarde, no jardim de sua casa em Milão, refletia sobre o fracasso de toda a sua busca. Neste momento, escutou uma criança na rua, cantando: "Pega e lê! Pega e lê!"

Apesar de sempre ter sido governado pela lógica, resolveu - num impulso - abrir o primeiro livro ao seu alcance. Era a Bíblia, e ele leu um trecho de São Paulo - com as respostas que procurava.

A partir daí, a lógica de Agostinho abriu espaço para que a fé também pudesse participar, e ele se transformou num dos maiores teólogos da Igreja.

As quatro forças

O padre Alan Jones diz que, para a construção de nossa alma, precisamos das Quatro Forças Invisíveis: amor, morte, poder e tempo.

É necessário amar, porque somos amados por Deus. É necessária a consciência da morte, para entender bem a vida.

É necessário lutar para crescer - mas sem cair na armadilha do poder que conseguimos com isto, porque sabemos que ele não vale nada.

Finalmente, é necessário aceitar que nossa alma - embora seja eterna - está neste momento presa na teia do tempo, com suas oportunidades e limitações. Assim, temos que agir como se o tempo existisse, fazer o possível para valorizar cada segundo.

Estas Quatro Forças não podem ser tratadas como problemas a serem resolvidos, porque estão além de qualquer controle. Precisamos aceitá-las, e deixar que nos ensinem o que precisamos aprender.

Culpando os outros

Todos nós já escutamos nossa mãe dizendo a respeito de nós mesmos: "meu filho fez isto porque perdeu a cabeça, mas - no fundo - é uma pessoa muito boa".

Uma coisa é viver culpando-se por atos impensados que nos fizeram errar; a culpa não nos leva a lugar nenhum, e pode nos tirar o estímulo de melhorar. Outra coisa, porém, é viver se perdoando por tudo que fazemos; agindo assim, nunca seremos capazes de corrigir nosso caminho.

Existe o bom senso, e devemos julgar o resultado de nossas atitudes - e não as intenções que tivemos ao realizá-las. No fundo, todo mundo é bom, mas isto não interessa.
Disse Jesus: "é pelos frutos que se conhece a árvore".
Diz um velho provérbio árabe: " Deus julga a árvore por seus frutos, e não por suas raízes".

O discurso do Chefe Seattle

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos fez à uma tribo do Norte a proposta de comprar suas terras, oferecendo em contrapartida a concessão de uma outra 'reserva'. O texto da resposta do Chefe Seattle tem sido considerado, através dos tempos, um dos mais belos pronunciamentos a respeito da importância das tradições. Já li em algum lugar que tal resposta foi falsificada por um jornalista, mas isso não tira o valor do que foi dito.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível vendê-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para meu povo. Cada ramo, cada punhado de areia do deserto, cada sombra de árvore, cada uma destas coisas é sagrada na memória do meu povo.

Os mortos do homem branco esquecem sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem estas montanhas e vales, pois assim é o rosto de nossa Mãe. Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro e o homem - todos pertencem à mesma família. Portanto, quando o Grande Chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós.

O Grande Chefe diz que irá nos colocar em um lugar onde poderemos viver felizes. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar a sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil, porque essa água brilhante que corre nos riachos não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhe vendermos a terra, eles

podem esquecer que o murmúrio das águas é a voz dos nossos ancestrais, e as lembranças de tudo o que ocorreu enquanto vivemos aqui.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas uma mulher atraente, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Retira da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Eu não sei, nossos costumes são diferentes dos seus. A visão de suas cidade fere os olhos do homem vermelho. Talvez seja porque o índio é um selvagem e não compreenda. Não há lugar quieto na cidade do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater das asas de um inseto. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se um homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa, à noite? O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais, breve acontece com o homem. Há uma ligação em tudo.

Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspindo em si mesmos. Isto sabemos: a terra não pertence ao homem, o homem pertence à terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo.

Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala como ele de amigo para amigo, não pode estar fugir desta realidade. De uma coisa estamos certos: nosso Deus é o mesmo Deus dele.A terra Lhe é preciosa, e feri-la é desprezar o Criador. É o final da vida e o início da sobrevivência.

Conversas com Deus e o Diabo

Como fazer o que quero

Assim que morreu, Juan encontrou-se num belíssimo lugar, rodeado pelo conforto e beleza que sonhava. Um sujeito vestido de branco aproximou-se:

- Você tem direito ao que quiser: qualquer alimento, prazer, diversão - disse.

Encantado, Juan fez tudo que sonhou fazer durante a vida. Depois de muitos anos de prazeres, procurou o sujeito de branco:

- Já experimentei o que tinha vontade. Preciso agora de um trabalho, para me sentir útil.

- Sinto muito - disse o sujeito de branco. Mas esta é a única coisa que não posso conseguir; aqui não há trabalho.

- Que terrível! – irritou-se Juan. - Passarei a eternidade morrendo de tédio! Preferia mil vezes estar no inferno!

O homem de branco aproximou-se, e disse em voz baixa:

- E onde o senhor pensa que está?

Qual o sentido das coroas

Quando Moisés subiu aos céus para escrever determinada parte da Bíblia, o Todo Poderoso pediu para que desenhasse pequenas coroas em cima de algumas letras da Torah.

Moisés disse:

- Criador do Universo, por que colocar estas coroas?

-Porque daqui a cem gerações, um homem chamado Akiva irá interpretar o verdadeiro significado destes desenhos.

- Mostre-me a interpretação deste homem - pediu Moisés.

O Senhor levou Moisés ao futuro, e colocou-o numa das aulas do rabino Akiva. Um aluno perguntava:

- Rabino, por que estas coroas desenhadas em cima de algumas letras?

- Não sei - respondeu Akiva. - E acredito que nem Moisés sabia. Mas como ele era o maior de todos os profetas, fez isto apenas para nos ensinar que, mesmo sem compreender tudo que o Senhor faz, ainda assim devemos fazer o que nos pede.

E Moisés pediu perdão ao Senhor.

Ser diabo não é fácil

O demônio disse para Buda:

- Ser o diabo não é fácil. Quando falo, tenho que usar enigmas, para que as pessoas não percebam a tentação. Sempre preciso parecer esperto e inteligente, para que me admirem. Gasto muita energia para convencer uns poucos discípulos que o inferno é mais interessante. Estou velho, quero passar meus alunos para você.

Buda sabia que aquilo era uma armadilha: se aceitasse a proposta, ele se transformaria em demônio, e o demônio viraria Buda.

- Você acha que é divertido ser Buda - respondeu. Além de ter que fazer as mesmas coisas que você faz, ainda preciso agüentar o que meus discípulos fazem comigo! Colocam em meus lábios palavras que não disse, cobram por meus ensinamentos, e exigem que eu seja sábio o tempo todo! Você jamais agüentaria uma vida como esta!

O diabo ficou convencido de que trocar de papel era realmente um mau negócio, e Buda escapou à tentação.

Fragmentos de um diário inexistente - VII

O poder da palavra

De todas as poderosas armas de destruição que o homem foi capaz de inventar, a mais terrível - e a mais covarde - é a palavra.

Punhais e armas de fogo deixam vestígios de sangue. Bombas abalam edifícios e ruas. Venenos terminam sendo detectados.

Mas a palavra destruidora consegue despertar o Mal sem deixar pistas. Crianças são condicionadas durante anos pelos pais, artistas são impiedosamente criticados, mulheres são sistematicamente massacradas por comentários de seus maridos, fiéis são mantidos longe da religião por aqueles que se julgam capazes de interpretar a voz de Deus.

Procure ver se você está utilizando esta arma. Procure ver se estão utilizando esta arma em você. E não permita nenhuma destas duas coisas.

Apolo e Daphne

O deus Apolo persegue a ninfa Daphne pelo bosque. Está apaixonado por ela, mas Daphne - sempre cortejada por todos - não agüenta mais o seu próprio brilho, e pede ajuda aos deuses, dizendo:

"Destrói esta beleza que nunca me deixa em paz"

Os deuses escutam o apelo de Daphne e a transformam numa árvore, o loureiro. Apolo não consegue mais encontra-la, pois agora ela é apenas uma parte da vegetação.

Daphne agiu de uma maneira que todos nós conhecemos bem: muitas vezes matamos nossos talentos, porque não sabemos o que fazer com eles.

É mais confortável a mediocridade de ser apenas "mais um", do que a luta para mostrar tudo aquilo do que somos capazes de fazer com os dons que Deus nos deu.

Não há dois caminhos iguais

Em um dos seus raros escritos, o sábio sufi Hafik comenta a busca espiritual.

"Aceite com sabedoria o fato de que o Caminho está cheio de contradições. O Caminho muitas vezes nega-se a si mesmo, para estimular o viajante a descobrir o que existe além da próxima curva".

"Se dois companheiros de jornada estão seguindo o mesmo método, isto significa que um deles está na pista falsa. Porque não há fórmulas para se atingir a verdade do Caminho, e cada um precisa correr os riscos de seus próprios passos".

"Só os ignorantes procuram imitar o comportamento dos outros. Os homens inteligentes não perdem seu tempo com isto, e desenvolvem suas habilidades pessoais; sabem que não existem duas folhas iguais numa floresta de cem mil árvores. Não existem duas viagens iguais no mesmo Caminho"

Dona Baratinha e a moeda

Uma velha estória infantil nos fala de D. Baratinha - que encontrou uma moeda ao varrer sua casa. Depois de ficar muito tempo na janela, escolhendo o pretendente adequado aos seus medos e anseios, terminou casando-se com João Ratão. Como todos sabemos, João Ratão caiu na panela do feijão.

Muitas vezes em nossas vidas, encontramos uma moeda que nos é dada pelo destino, e achamos que este é o único tesouro de nossas vidas. Terminamos por valoriza-lo tanto, que o destino - o mesmo que nos entregou esta moeda - se encarrega de toma-la de volta.

Quem tem muito medo de escolher, sempre escolhe errado.

Imitando o mestre

Um discípulo que amava e admirava seu mestre, resolveu observa-lo em todos os detalhes, acreditando que – ao fazer o que ele fazia, iria também adquirir sua sabedoria.

O mestre só usava roupas brancas, e o discípulo passou a vestir-se da mesma maneira.

O mestre era vegetariano, e o discípulo deixou de comer qualquer tipo de carne, substituindo sua alimentação por ervas.

O mestre era um homem austero, e o discípulo resolveu dedicar-se ao sacrifício, passando a dormir numa cama de palha.

Passado algum tempo, o mestre notou a mudança de comportamento do seu discípulo, e foi ver o que estava acontecendo.

- Estou subindo os degraus de iniciação – foi a resposta. – O branco de minha roupa mostra a simplicidade da busca, a alimentação vegetariana purifica o meu corpo, e a falta de conforto faz com que eu pense apenas nas coisas espirituais.

Sorrindo, o mestre o levou até um campo onde um cavalo pastava.

- Você passou este tempo olhando apenas para fora, quando isso é o que menos importa – disse. – Está vendo aquele animal ali? Ele tem a pele branca, come apenas ervas, e dorme num celeiro com palha do chão. Você acha que ele tem cara de santo, ou chegará algum dia a ser um verdadeiro mestre?

Porque deixar o homem para o sexto dia

Um grupo de sábios reuniu-se num castelo em Akbar, para discutir a obra de Deus; queriam saber por que havia deixado para criar o homem no sexto dia.

- Ele pensava em organizar bem o Universo, de modo que pudéssemos ter todas as maravilhas a nossa disposição - disse um.

- Ele quis primeiro fazer alguns testes com animais, de modo a não cometer os mesmos erros conosco - argumentou outro.

Um sábio judeu apareceu para o encontro. O tema da discussão lhe foi comunicado: "na sua opinião, por que Deus deixou para criar o homem no último dia?"

- Muito simples - comentou o sábio. - Para que, quando fossemos tocados pelo orgulho, pudéssemos refletir: até mesmo um simples mosquito teve prioridade no trabalho Divino.

O exorcismo

Um homem chamou um padre para fazer um exorcismo em sua casa. Foi morar num hotel, e deixou-o entregue ao trabalho.

O sacerdote passou alguns dias dormindo no lugar mal-assombrado, colocou água-benta em todos os quartos, fez orações, e - quando deu sua tarefa por encerrada - chamou de volta o proprietário, dizendo que o resultado fora fantástico.

- Quantos demônios você exorcizou? – quis saber ele.
- Nenhum.
- E quantos viu na minha casa?
- Nenhum.
- Então com o resultado pode ter sido fantástico?
- Quando se está lidando com as forças do mal, nenhum é mais do que suficiente.

Da caridade ameaçada

Há algum tempo, minha mulher ajudou um turista suíço em Ipanema, que se dizia vítima de pivetes. Num sotaque carregado, falando péssimo português, afirmou estar sem passaporte, dinheiro, lugar para dormir.

Minha mulher pagou-lhe um almoço, deu-lhe a quantia necessária para que pudesse passar uma noite no hotel enquanto contactava sua embaixada, e foi embora. Dias depois, um jornal carioca noticiava que o tal "turista suíço" era na verdade mais um criativo malandro, fingindo um sotaque inexistente, abusando da boa-fé de pessoas que amam o Rio, e desejam desfazer a imagem negativa – justa ou injusta – que se tornou o nosso cartão postal.

Ao ler a notícia, minha mulher fez apenas um comentário: "não é isso que irá me impedir de ajudar ninguém".

Seu comentário me fez lembrar a história do sábio que, certa tarde, chegou à cidade de Akbar. As pessoas não deram muita importância a sua presença, e seus ensinamentos não conseguiram interessar a população. Depois de algum tempo, ele tornou-se motivo de riso e ironia dos habitantes da cidade.

Um dia, enquanto passeava pela rua principal de Akbar, um grupo de homens e mulheres começou a insultá-lo. Ao invés de fingir que ignorava o que acontecia, o sábio foi ate eles, e abençoou-os.

Um dos homens comentou:

- Será que, além de tudo, estamos diante de um homem surdo? Gritamos coisas horríveis, e o senhor nos responde com belas palavras!

- Cada um de nós só pode oferecer o que tem – foi a resposta do sábio.

Os desejos negativos

O discípulo disse ao mestre:

- Tenho passado grande parte do meu dia pensando coisas que não devia pensar, desejando coisas que não devia desejar, fazendo planos que não devia fazer.

O mestre convidou o discípulo para um passeio na floresta perto de sua casa; no caminho, apontou uma planta e perguntou se o discípulo sabia o que era.

- Beladona - disse do discípulo. - Pode matar quem comer suas folhas.

- Mas não pode matar quem simplesmente a contempla. Da mesma maneira, os desejos negativos não podem causar nenhum mal – se você não se deixar seduzir por eles.

REFLEXÃO

Durante toda a sua vida, o autor grego Nikos Kazantzakis (*Zorba, A Ultima Tentação de Cristo*) foi um homem absolutamente coerente. Embora abordasse temas religiosos em muitos de seus livros – como uma excelente biografia de São Francisco de Assis – sempre considerou a si mesmo como um ateu convicto. Pois é deste ateu convicto, uma das mais belas definições de Deus que eu conheço:

"Nos olhamos com perplexidade a parte mais alta da espiral de força que governa o Universo. E a chamamos de Deus. Poderíamos dar qualquer outro nome: Abismo, Mistério, Escuridão Absoluta, Luz Total, Matéria, Espírito, Suprema Esperança, Supremo Desespero, Silêncio. Mas nós a chamamos de Deus, porque só este nome - por razões misteriosas – é capaz de sacudir com vigor o nosso coração. E, não resta dúvida, esta sacudida é absolutamente indispensável para permitir o contacto com as emoções básicas do ser humano, que sempre estão além de qualquer explicação ou lógica".

Algumas histórias de mestres e discípulos

O mestre não sofre com os maus discípulos?

Um discípulo perguntou a Firoz:

- A simples presença de um mestre, faz com que todo tipo de curioso se aproxime, para descobrir algo do que se possam beneficiar. Isto não pode ser prejudicial e negativo? Isto não pode desviar o mestre do seu caminho, ou fazer com que sofra porque não conseguiu ensinar o que queria?

Firoz, o mestre sufi, respondeu:

- A visão de um abacateiro carregado de frutas desperta o apetite de todos que passam por perto. Se alguém deseja saciar sua fome alem da sua capacidade, termina comendo mais abacates que necessário, e passa mal. Entretanto, isto não causa nenhum tipo de indigestão ao dono do abacateiro.

"O mesmo se passa com a Busca. O caminho precisa estar aberto para todos; mas Deus se encarrega de colocar os limites de cada um".

Além dos próprios limites

Um arqueiro caminhava pelas redondezas de um mosteiro hindu conhecido por sua dureza nos ensinamentos, quando viu os monges no jardim - bebendo e se divertindo.

"Como são cínicos aqueles que buscam o caminho de Deus", disse o arqueiro em voz alta. "Dizem que a disciplina é importante, e se embriagam as escondidas!"

"Se você disparar cem flechas seguidas, o que acontecerá com o seu arco?", perguntou o mais velho dos monges.

"Meu arco se quebrará", respondeu o arqueiro.

"Se alguém se esforça além dos próprios limites, também quebra sua vontade", disse o monge. "Quem não equilibra trabalho com descanso, perde o entusiasmo, esgota sua energia, e não chega muito longe".

Ainda está faltando algo

O mestre yogue Paltrul Rinpoché ouviu falar de um ermitão com fama de santo, que morava na montanha. E foi encontrá-lo.

- De onde vem você? - perguntou o ermitão.

- Venho de onde minhas costas apontam, e vou para onde está voltado meu rosto - respondeu Rinpoché. – Um sábio deveria saber disso.

- É uma resposta tola e metida a filosófica – resmungou o ermitão.

- E o senhor, o que faz?

- Medito há vinte anos sobre a perfeição da paciência. Estou perto de ser considerado santo.

- As pessoas já o consideram assim - comentou Rinpoché. Você conseguiu enganar todo mundo!

Furioso, o ermitão levantou-se:

- Como ousa perturbar um homem que busca a santidade? – gritou.

- Ainda falta muito para chegar a isso – disse o yogue. – Se uma simples brincadeira o faz perder a paciência que tanto busca, estes vinte anos foram uma completa falta de tempo!

Uma lenda árabe da criação

No seu "Livro do Fantasma", Alejandro Dolina associa a história da areia à uma das lendas da criação do povo árabe.

Diz ele que, assim que terminou de construir o mundo, um dos anjos advertiu o Todo-Poderoso que esquecera de colocar areia na Terra; grave defeito, se considerarmos que os seres humanos estariam privados para sempre de caminhar junto aos mares, massageando seus pés cansados e sentindo o contacto com o chão.

Além disso, o fundo dos rios seria sempre ríspido e pedregoso, os arquitetos não poderiam usar um material indispensável, as pegadas dos namorados seriam invisíveis; disposto a remediar seu esquecimento, Deus enviou o Arcanjo Gabriel com uma enorme bolsa, para que derramasse areia em todos os lugares que fosse necessário.

Gabriel fez as praias, o leito dos rios, e quando voltava para o céu trazendo o material que havia sobrado, o Inimigo – sempre atento, sempre disposto a estragar a obra do Todo-Poderoso – conseguiu fazer um furo na bolsa, que arrebentou, derramando todo o seu conteúdo. Isso aconteceu no lugar que é hoje a Arábia, e quase toda a região se transformou num imenso deserto.

Gabriel, desolado, foi pedir desculpas ao Senhor, por ter deixado que o Inimigo se aproximasse sem ser visto. E Deus, em Sua infinita sabedoria, resolveu recompensar o povo árabe pelo erro involuntário do seu mensageiro.

Criou para eles um céu cheio de estrelas, como não existe em nenhum outro lugar do mundo, para que sempre olhassem para o alto.

Criou o turbante, que – debaixo do sol do deserto – é muito mais valioso que uma coroa.

Criou a tenda, permitindo que as pessoas se movessem de um lugar para o outro, sempre tendo novas paisagens ao redor, e sem as obrigações aborrecidas de manutenção de palácios.

Ensinou o povo a forjar o melhor aço para a espada. Criou o camelo. Desenvolveu a melhor raça de cavalos.

E lhe deu algo mais precioso que estas e todas as outras coisas juntas: a palavra, o verdadeiro ouro dos árabes. Enquanto os outros povos modelavam os metais e as pedras, os povos da Arábia aprendiam a modelar o verbo.

Ali, o poeta passou a ser sacerdote, juiz, médico, chefe dos beduínos. Seus versos possuem poder: podem trazer alegria, tristeza, saudade. Podem desencadear a vingança e a guerra, unir os amantes, reproduzir o canto dos pássaros.

E conclui Alejandro Dolina:

“Os erros de Deus, como os de grandes artistas, ou dos verdadeiros enamorados, desencadeiam tantas compensações felizes, que as vezes vale a pena deseja-los”.

A Sabedoria Árabe

Ary de Mesquita tem uma ótima compilação de textos, num livro muito interessante (A Sabedoria Árabe, Ed. Ediouro). Aqui vão alguns provérbios e máximas:

Se não puderes ser uma estrela no céu, seja uma lâmpada em sua casa.

Anônimo

Depois da morte, o sábio continua vivo, embora seu corpo esteja reduzido a cinzas. Mas o ignorante, mesmo vivo, já está morto.

Ibn as-Sid

O amor é uma doença da qual ninguém quer livrar-se. Quem foi atacado por ela não procura restabelecer-se, e quem sofre não deseja ser curado.

Ibn Hazmal-Andaluzi

Assim como as esposas tem ciúme da amante do marido, muitas amantes tem ciúme da esposa.

Provérbio de Túnis

Quando vires dois dragões brigando, fica distante e não procure pacifica-los; eles podem fazer as pazes e terminar lhe atacando.

Anônimo

O ânimo do guerreiro

Carlos Castañeda foi um autor que marcou muito a minha geração – embora nunca tenha sido considerado pelo sistema acadêmico como alguém que merecesse uma atenção maior que a simples curiosidade. Em sua homenagem, publico sempre uma vez por ano, uma seleção de seus textos mais importantes:

O mais difícil neste mundo é adotar o ânimo e a atitude de um guerreiro. De nada serve ficar triste, queixar-se, sentir-se injustiçado, e acreditar que alguém está nos fazendo algo negativo. Ninguém está fazendo nada, muito menos a um guerreiro.

Não importa como fomos criados. O que determina nosso modo de agir é a maneira como administramos a nossa vontade. Um homem é a soma de todas as suas vontades, que determinam sua maneira de viver e morrer.

A vontade é um sentimento, um talento, algo que nos dá entusiasmo. A vontade é algo que se adquire – mas para isso é necessário lutar a vida inteira.

Desde o instante em que nascemos, as pessoas nos dizem que o mundo é assim, ou assado, desta ou daquela maneira. É natural que - durante um certo período - terminemos por acreditar naquilo que nos dizem. Mas logo precisamos deixar estes conceitos de lado, e descobrir nossa própria maneira de ver a realidade.

A humildade de um guerreiro não é a mesma humildade de um homem servil. O guerreiro não abaixa a cabeça para ninguém, mas tampouco permite que alguém se incline diante dele. O homem servil, por outro lado, se ajoelha diante de qualquer pessoa que considere mais poderosa, e exige que as pessoas sob seu comando tenham o mesmo comportamento diante dele.

O mal das palavras é que elas nos fazem sentir como se estivéssemos iluminados, compreendendo tudo. Mas, quando nos viramos e enfrentamos o mundo, vemos que a realidade é completamente diferente daquilo que discutimos ou escutamos. Por causa disso, um guerreiro procura agir, e perde seu tempo em conversas inúteis. Através da ação, ele descobre o significado do que se passa no seu dia-a-dia, toma decisões criativas e originais.

O homem comum pensa que entregar-se às dúvidas e às preocupações é um sinal de sensibilidade, de espiritualidade. Agindo assim, fica distante do verdadeiro sentido da vida, pois sua razão diminuta o converte no santo ou no monstro que imagina ser, e antes que se dê conta, está preso na armadilha que criou para si mesmo. Este tipo de gente adora que alguém lhes diga o que deve fazer, mais gosta mais ainda de não seguir os bons conselhos – só para aborrecer a alma generosa que, em dado momento, preocupou-se com ele.

Só um guerreiro pode suportar o caminho do conhecimento. Um guerreiro não se queixa nem se lamenta de nada, não acha que os desafios são bons ou maus. Os desafios são simplesmente desafios.

O mundo é insondável e misterioso, e assim somos todos nós.A arte do guerreiro consiste em equilibrar o terror de ser um homem, com a maravilha de ser um homem.

Três histórias sobre o pecado

O jogo de xadrez

O jovem disse ao abade do mosteiro:

- Bem que eu gostaria de ser um monge, mas nada aprendi de importante na vida. Tudo que meu pai me ensinou foi jogar xadrez, que não serve para iluminação. Além do mais, aprendi que qualquer jogo é um pecado.

- Pode ser um pecado, mas também pode ser uma diversão, e quem sabe este mosteiro não está precisando um pouco de ambos – foi a resposta.

abade pediu um tabuleiro de xadrez, chamou um monge, e mandou-o jogar com o rapaz.

Mas antes da partida começar, acrescentou:

- Embora precisemos de diversão, não podemos permitir que todo mundo fique jogando xadrez. Então, teremos apenas o melhor dos jogadores aqui; se nosso monge perder, ele sairá do mosteiro, e abrirá uma vaga para você.

O abade falava sério. O rapaz sentiu que jogava por sua vida, e suou frio; o tabuleiro tornou-se o centro do mundo.

O monge começou a perder. O rapaz atacou, mas então viu o olhar de santidade do outro; a partir deste momento, começou a jogar errado de propósito. Afinal de contas preferia perder, porque o monge podia ser mais útil ao mundo.

De repente, o abade jogou o tabuleiro no chão.

- Você aprendeu muito mais do que lhe ensinaram – disse. – Concentrou-se o suficiente para vencer, foi capaz de lutar pelo que desejava. Em seguida, teve compaixão, e disposição para sacrificar-se em nome de uma nobre causa. Seja bem-vindo ao mosteiro, porque sabe equilibrar a disciplina com a misericórdia.

O lugar dos pecadores

O rabino Wolf entrou por acaso em um bar; algumas pessoas bebiam, outras jogavam cartas, e o ambiente parecia carregado.

O rabino saiu sem comentar nada; um jovem veio atrás dele.

- Sei que não gostou do que viu - disse o rapaz. - Ali só vivem os pecadores.

- Gostei do que vi - disse Wolf. - São homens que estão aprendendo a perder tudo. Quando tiverem mais nada de material neste mundo, só lhes sobrará voltar-se para Deus. E, a partir deste momento, que servos excelentes serão!

Pode ser pecado

Amigo do escritor francês Marcel Proust, o abade Arthur Mugnier foi responsável pela conversão ao catolicismo de muitos famosos artista do seu tempo. Mesmo vivendo numa época moralista, Mugnier procurava lembrar a todos que a idéia central de Cristo é a alegria da redenção, e não as torturas da culpa.

Certa vez o abade foi abordado por uma de suas paroquianas, que – embora já tivesse 75 anos de idade – estava preocupadíssima com os pecados da carne.

- Caro abade - disse ela - de vez em quando me surpreendo olhando meu corpo nu no espelho. Isso é um pecado?

E a resposta do abade veio rápida:

- Não, madame: isso é um equívoco.

Diálogos com o mestre – VI
O tédio

Durante certo período de minha vida – notadamente entre os anos de 1982 e 1990 – mantive um caderno onde anotava minhas conversas com J., pessoa a quem considero acima de tudo um amigo, mas que me ensinou muito da linguagem simbólica do mundo. Continuo aqui – e pelas próximas quatro colunas – a relatar alguns trechos destas anotações:

- No fundo, as pessoas reclamam, mas adoram a rotina – eu disse.

- Claro, e a razão e muito simples: a rotina lhes dá a falsa sensação de que estão seguros. Assim, o dia de hoje será exatamente igual ao dia de ontem, e o amanhã não trará surpresas. Quando a noite chega, parte da alma reclama que nada de diferente foi vivido, mas a outra parte fica contente - paradoxalmente, pela mesma razão.

"Evidente que esta segurança é totalmente falsa; ninguém pode controlar nada, e uma mudança aparece justamente o momento mais inesperado, pegando a pessoa sem condições de reagir ou lutar".

- Se somos livres para decidir que queremos uma vida igual, porque Deus nos força a muda-la?

- O que é a realidade? É a maneira como a imaginamos que seja. Se muita gente "pensa" que o mundo é de tal e qual maneira, as coisas à nossa volta se cristalizam, e nada muda por algum tempo. Entretanto, a vida é uma evolução constante – social, política, espiritual, seja lá em que nível for. Para que as coisas evoluam, é necessário que as pessoas mudem. Como estamos todos interligados, as vezes o destino dá um empurrão naqueles que estão impedindo a evolução.

- Geralmente sob a forma de tragédia...

- A tragédia depende do modo que você a vê. Se escolher ser uma vítima do mundo, qualquer coisa que lhe acontecer vai alimentar aquele lado negro de sua alma, onde você se considera injustiçado, sofredor, culpado e merecedor de castigo. Se escolher ser um aventureiro, as mudanças – mesmo as perdas inevitáveis, já que tudo neste mundo se transforma – podem causar alguma dor, mas logo vão lhe empurrar adiante, obrigando-o a reagir.

"Em muitas das tradições orais, a sabedoria é representada por um templo, com duas colunas na porta: estas duas colunas sempre têm nomes de coisas opostas entre si, mas para

exemplificar o que quero dizer, chamaremos uma de Medo, outra de Desejo. Quando o homem está diante desta porta, ele olha para a coluna do Medo e pensa: "meu Deus, o que vou encontrar adiante?" Em seguida, olha para a coluna do Desejo e pensa: "Meu Deus, já estou tão acostumado com o que tenho, desejo continuar vivendo como sempre vivi". E fica ali parado; isso chamamos de tédio.

- O tédio é...

- O movimento que cessa. Instintivamente, sabemos que está errado, e nos revoltamos. Nos queixamos com nossos maridos, esposas, filhos, vizinhos. Mas, por outro lado, sabemos que o tédio e a rotina são portos seguros.

- Uma pessoa pode passar a vida inteira nesta situação?

- Ela pode levar o empurrão da vida, mas resistir e continuar ali, sempre reclamando – e seu sofrimento foi inútil, não lhe ensinou nada.

"Sim, uma pessoa pode continuar o resto dos seus dias diante de uma das muitas portas que deve ultrapassar, mas ela precisa entender que só viveu mesmo até aquele ponto. Pode continuar respirando, andando, dormindo, comendo - mas cada vez com menos prazer, porque já está morta espiritualmente e não sabe".

"Até que um dia, além da morte espiritual, aparece a morte física; neste momento, Deus perguntará: "o que você fez com a sua vida?" Todos nós temos que responder esta pergunta, e ai de quem disser: "fiquei parado diante de uma porta".

(continua na próxima semana)

Diálogos com o mestre VII – O trabalho

(Continuo a transcrever anotações de minhas conversas com J. entre 1982 e 1990:)

- Você tem procurado me fazer entender que é preciso prestar atenção à vida, às pessoas, a tudo que acontece a nossa volta. E eu tenho a sensação de que tudo que você faz é trabalhar *(nesta época, J. era executivo de uma multinacional holandesa).*

- Ao invés de responder diretamente a sua pergunta prefiro citar um trecho do poeta indiano Rabinranath Tagore: "Eu dormi e achei que a vida era Alegria/ Acordei e descobri que a vida era Dever / Cumpri meu dever e descobri que ele era Alegria". Na verdade, através do meu trabalho eu descubro a vida, as pessoas, e tudo que acontece à nossa volta.

"A única armadilha que preciso me dar conta, é não achar que um dia é igual ao outro. Na verdade, toda manhã traz em si um milagre escondido, e precisamos prestar atenção a este milagre".

- O que é o dever?

- Uma palavra misteriosa, que pode ter dois significados opostos: a ausência de entusiasmo, ou a compreensão de que precisamos dividir nosso amor com mais de uma pessoa. No primeiro caso, estamos sempre dando uma desculpa para não aceitar nossa responsabilidade; no segundo caso, o dever transforma-se em uma espécie de devoção, de amor irrestrito pela condição humana, e passamos a lutar por aquilo que queremos que aconteça.

"Isso eu procuro através do meu trabalho: dividir meu amor. O amor é também uma coisa misteriosa: quanto mais dividimos, mais se multiplica".

- Mas o trabalho, na Bíblia, é considerado como uma espécie de maldição que Deus joga no ser humano. Quando Adão comete o pecado original, escuta do Todo-Poderoso: "em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. No suor do teu rosto comerás o teu pão".

- Neste momento, Deus está colocando o Universo em movimento. Até então, tudo é lindo, paradisíaco – mas nada evolui, e, como acabamos de conversar, Adão passa a crer que

um dia é igual ao outro. A partir daí, ele perde o sentido do milagre de sua própria existência; então o Senhor, olhando sua criação, entende que é preciso ajudá-lo a reconquistar este sentido.

"É necessário ler esta frase de maneira positiva: o cansaço virará o sustento, o suor será o tempero do pão. E assim, tudo irá convergir de volta à perfeição, mas antes Adão, e os seres humanos, precisam percorrer o caminho da compreensão mútua".

- Por que um dos grandes sonhos do ser humano é poder, um dia, deixar de trabalhar?

- Porque não sabe o que é ficar meses, anos sem fazer nada. Ou porque não ama o que faz; ninguém deseja separar-se de uma mulher que ama, ninguém quer parar de fazer aquilo que gosta. Ou então porque carece de dignidade quando se propõe a fazer algo – esqueceu que o trabalho foi criado para ajudar o homem, e não para humilhá-lo.

A esse respeito, há uma interessante história no livro "As 1001 Noites": o califa Alrum Al-Rachid resolveu construir um palácio que marcasse a grandeza de seu reino. Reuniu as melhores obras de arte, desenhou os jardins, selecionou pessoalmente o mármore e os tapetes.

Ao lado do terreno escolhido, havia uma choupana. Al-Rachid pediu ao seu ministro que convencesse o dono - um velho tecelão - a vendê-la, para ser demolida.

O ministro tentou, sem êxito; o velho disse que não queria desfazer-se dela.

Ao saber da decisão do velho, o Conselho da Corte sugeriu que simplesmente o expulsassem do lugar.

- Não - respondeu Al-Rachid. - Ela passará a fazer parte do meu legado ao meu povo. Quando virem o palácio, eles dirão: ele foi um homem que trabalhou para mostrar a beleza de nossa cultura.

"E, quando virem a choupana, dirão: ele foi justo, porque respeitou o trabalho dos outros".

(continua na próxima semana)

Diálogos com o mestre VIII – a estratégia

(Continuo a transcrever as anotações feitas em conversas com J., no período de 1982 a 1990)

- Bernard Shaw é que está certo – disse J. – Ele afirmou que as pessoas têm um prazer mórbido passar todos os dias se queixando das condições em que vivem. Penso como ele: os verdadeiros homens e mulheres são os que procuram as condições ideais, e – se não conseguem encontra-las – terminam por criá-las.

- Como se criam as condições necessárias?

- Um chinês, há milhares de anos, já escreveu sobre isso: respeitando cinco pontos fundamentais. Entretanto, antes de falar destes cinco pontos, é preciso dizer que o ponto de partida é o respeito por si mesmo. Podemos conseguir qualquer coisa, mas não podemos conseguir tudo; então é preciso saber exatamente o que desejamos.

- Como sabemos o que desejamos?

- Quando nos sentimos bem ao realizar determinada tarefa. Conseqüentemente, tudo aquilo que nos faz perder o entusiasmo e o respeito por nós mesmos é nocivo; mesmo que signifique poder, dinheiro, ou sucesso. Já vi muita gente sendo sufocada pelo sucesso, cometendo erros que terminavam destruindo o trabalho de anos, entregando-se a bebedeiras monumentais, tornando-se agressivos, rigorosos, amargos. Estas pessoas estão longe de si mesmas, e longe dos outros.

- Voltemos ao chinês.

- O chinês escreveu um livro sobre a guerra, mas os cinco pontos que ele relaciona ali se aplicam a qualquer tarefa realizada pelo ser humano.

“O primeiro item: a lei da vontade. Acabamos de falar sobre ela: só devemos fazer aquilo que realmente enche o nosso coração de entusiasmo. *Se deixarmos isso de lado, se adiamos o momento de viver aquilo que sonhamos, perdemos a energia necessária para qualquer transformação importante em nossas vidas.* Alguém já disse, de maneira muito apropriada: “eu não conheço o segredo do sucesso – mas o segredo do fracasso é tentar sempre fazer a vontade dos outros”.

“O segundo item: a lei das estações. Assim como uma guerra travada no inverno exige um comportamento e equipamentos diferentes de uma guerra no verão, o ser humano precisa aprender a respeitar suas próprias estaçoes, não tentando agir no momento de esperar, não tentando esperar no momento de agir. Entretanto, para poder progredir em qualquer coisa, ele precisa dar o primeiro passo – a partir daí, seu ritmo pessoal e sua intuição vão lhe indicar como conservar sua energia”.

“O terceiro item: a lei da geografia. Uma batalha em um desfiladeiro é diferente de uma travada no campo: da mesma maneira, só consegue condições favoráveis àquela pessoa que presta atenção ao que está acontecendo à sua volta, o espaço que está ocupando, o que tem que fazer para ampliá-lo, onde pode ser encurralada, como pode escapar se precisar recuar um pouco”.

“O quarto item: a lei dos aliados. Ninguém pode lutar sozinho; são necessários amigos que nos dêem força na hora que precisamos, gente que nos aconselhe sem medo do que vamos pensar. Como diz um poeta: “nenhum pássaro pode voar alto, se usar apenas suas próprias asas”.

“Finalmente, o quinto item: a lei da criatividade. Só existe uma maneira de entender as coisas – é quando tentamos muda-las. Nem sempre conseguimos, mas terminamos aprendendo, porque buscamos um caminho não percorrido – e o mundo está cheio destes caminhos. O problema é que todos têm muito medo das florestas virgens, dos mares nunca navegados, já que o desconhecido dá a sensação de que podemos nos perder”.

“Mas ninguém se perde – porque a mão de Deus misericordioso sempre está sobre a cabeça dos homens e mulheres corajosos, que ousam ser diferentes porque acreditam em seus sonhos. “

(continua na próxima semana)

Diálogos com o mestre IX – O sexo

(Continuo aqui transcrevendo algumas anotações de meus diálogos com J., no período de 1982 a 1990)

- Por que o sexo se transformou em um tabu?

- Porque é um processo de alquimia: ele transforma em um gesto físico toda uma gigantesca manifestação de energia espiritual, chamada amor.

“Não podemos entender o sexo como o vemos hoje – uma simples resposta a alguns estímulos físicos. Na verdade, ele é muito mais que isso, e carrega consigo toda a carga cultural do homem e da humanidade. Cada vez que estamos diante de uma nova experiência, trazemos todas as nossas experiencias passadas – boas ou más – e os conceitos que a civilização transformou em regras”.

“Não pode ser assim, é preciso descondicionar o cérebro para que cada experiência sexual seja única, assim como cada experiência amorosa é única”.

- Muito difícil.

- Muito. Mas é preciso tentar, porque a quase totalidade dos seres humanos necessita manter esta energia em movimento. Então, a primeira coisa é entender que ela é composta de dois extremos, que vão caminhar juntos durante todo o ato: relaxamento e tensão.

"Como colocar estes dois estados opostos em sintonia? Só existe uma maneira: através da entrega. Como se entregar? Esquecendo os traumas do passado, e não tentando criar expectativas sobre o futuro – ou seja, o orgasmo. Como fazer isso? Muito simples: não ter medo de errar".

"Na verdade, na maioria das vezes, já entramos numa relação sexual pensando que tudo pode dar errado. Mesmo que fosse assim, que importância tem isso? Basta você estar consciente de que precisa dar o melhor de si, e o errado se transforma em certo".

"À medida que a busca do prazer é feita com entrega, com sinceridade, sentimos que o corpo vai ficando tenso como a corda de um arqueiro, mas a mente vai relaxando, como a flecha que se prepara para ser disparada. O cérebro já não governa o processo, que passa a ser guiado pelo coração. E o coração utiliza os cinco sentidos para mostrar-se ao outro".

- Os cinco sentidos?

- Tato, olfato, visão, audição, paladar, todos estão envolvidos. É engraçado que, na maioria das relações sexuais, as pessoas tentam usar apenas o tato e a visão: agindo assim, empobrecem a plenitude da experiência.

- Os dois parceiros precisam saber isso tudo?

- Se um parceiro se entrega por completo, ele quebra o bloqueio do outro, por mais forte que seja. Porque o ato da entrega significa: "eu confio em você". O outro, que a princípio está um pouco intimidado, querendo provar coisas que não estão em jogo, fica desarmado com a espontaneidade de tal atitude, e relaxa. Neste momento, a verdadeira energia sexual entra em jogo.

"E esta energia não está apenas nas partes que chamamos de "eróticas". Ela se espalha pelo corpo inteiro, por cada fio de cabelo, pedaço de pele. Cada milímetro está agora emanando uma luz diferente, que é reconhecida pelo outro corpo, e se combina com ele".

"Quando isso acontece, entramos numa espécie de ritual ancestral, que é uma oportunidade de transformação. Um ritual, seja ele qual for, exige que você esteja pronto para deixar-se conduzir a uma nova percepção do mundo. É essa vontade que faz com que o ritual tenha sentido".

- Não é muito complicado tudo isso?

- É muito mais complicado fazer sexo como o vemos ser feito hoje, um simples ato mecânico, que provoca tensão durante o ato, e um vazio no final. Tudo o que é espiritual se manifesta de forma visível, tudo que é visível se transforma em energia espiritual, não creio que seja complicado entender isso. Afinal, já nascemos sabendo que possuímos um corpo e uma alma: porque não entender que o sexo também as possui?

(continua na próxima semana)

Diálogos com o mestre X – Os corpos se encontram

(Termino aqui mais esta série de transcrições feitas de notas que tomei em minhas converas com J., no período de 1982 a 1990. Voltarei a estas notas, se Deus quiser, ainda este ano).

- Já que precisamos mudar nossa atitude com relação ao sexo, qual o primeiro passo?

- Eu já disse: a entrega. As pessoas pensam que, antes de se permitirem qualquer prazer, precisam resolver todos os seus problemas, e não é bem assim. As pessoas só resolvem os seus problemas se permitirem ser elas mesmas.

"Existe, porém, uma coisa muito curiosa: no ato sexual somos extremamente generosos, e a maior preocupação é justamente com o parceiro. Pensamos que não vamos conseguir dar o prazer que ele merece – e a partir daí nosso prazer também diminui, ou desaparece por completo."

- Não é um ato de amor, como você dizia?

- Depende. Na verdade, é um ato de culpa, de achar-se sempre aquém das expectativas dos outros. Numa situação como essa, a palavra "expectativa" precisa ser banida por completo. Se estamos dando o melhor de nós mesmos, não há por que se preocupar.

"É preciso ter consciência que, quando dois corpos se encontram, eles estão entrando juntos num território desconhecido. Transformar isso numa experiência cotidiana é perder a maravilha da aventura".

"Se, entretanto, nos deixamos guiar nesta viagem, terminaremos descobrindo horizontes que nunca podíamos imaginar que existissem. "

- Existe alguma chave?

- A primeira é: você não está sozinho. Se outra pessoa o ama, está sentindo as mesmas dúvidas, por mais segura que possa parecer.

"A segunda: abra a caixa secreta de suas fantasias, e não tenha medo de aceitá-las. Não existe um padrão sexual, e você precisa encontrar o seu, respeitando apenas uma proibição: jamais fazer algo sem o consentimento do outro".

"A terceira: dê ao sagrado o sentido do sagrado. Para isso, é preciso ter a inocência de uma criança, e aprender a aceitar o milagre como uma benção. Seja criativo, purifique sua alma através de rituais que você mesmo inventa - como criar um espaço sagrado, fazer oferendas, aprender a rir junto com o outro, para quebrar as barreiras da inibição. Entenda que o que está fazendo é uma manifestação da energia de Deus".

"A quarta: explore o seu lado oposto. Se você é um homem, procure às vezes pensar e agir como uma mulher – e vice versa".

"A quinta: entenda que o orgasmo físico não é exatamente o único objetivo de uma relação sexual, mas uma conseqüência, que pode ou não acontecer. O prazer nada tem a ver com o orgasmo, mas com o encontro".

"A sexta: seja como um rio, fluindo entre duas margens opostas, como montanha e areia. De um lado está a tensão natural, do outro está o relaxamento completo".

"A sétima: identifique seus medos, e compartilhe com o seu parceiro".

"E, finalmente, a oitava: permita-se ter prazer. Assim como você está ansioso para dar, a outra pessoa também quer fazer o mesmo. Se, quando dois corpos se encontram, ambos querem dar e receber, os problemas desaparecem".

"Diz Alexander Lowen que o comportamento natural do ser humano é estar aberto à vida e ao amor. Entretanto, nossa cultura nos fez acreditar que não é assim, devemos estar fechados e desconfiados. Pensamos que, agindo desta maneira, não seremos feridos pelas surpresas da vida – mas na verdade, o que acontece é que não estamos aproveitando nada".

Quatro histórias judaicas

Isaac morre

Certo rabino era adorado por sua comunidade; todos ficavam encantados com o que dizia.

Menos Isaac, que não perdia uma chance de contradizer as interpretações do rabino, apontar falhas em seus ensinamentos. Os outros ficavam revoltados com Isaac, mas não podiam fazer nada.

Um dia, Isaac morreu. Durante o enterro, a comunidade notou que o rabino estava profundamente triste.

- Por que tanta tristeza? - comentou alguém. - Ele vivia colocando defeito em tudo que o senhor dizia!

- Não lamento por meu amigo que hoje esta' no céu - respondeu o rabino. - Lamento por mim mesmo. Enquanto todos me reverenciavam, ele me desafiava, e eu era obrigado a melhorar. Agora que ele se foi, tenho medo de parar de crescer.

O preço da pergunta

O rabino vivia ensinando que as respostas estão dentro de nós mesmos. Mas seus fiéis insistiam em consultá-lo sobre tudo que faziam.

Um dia, o rabino teve uma idéia: colocou um cartaz na porta de sua casa, e escreveu:

RESPONDO CADA PERGUNTA POR 100 MOEDAS.

Um comerciante resolveu pagar. Deu o dinheiro ao rabino, comentando:

- O senhor não acha caro cobrar tanto por uma pergunta?

- Acho - disse o rabino. - E acabo de respondê-la. Se quiser saber mais, pague outras 100 moedas. Ou procure a resposta em você mesmo, que é mais barato e mais eficaz.

A partir deste dia, nunca mais o perturbaram.

Perdoando no mesmo espírito

Rabi Nahum de Chernobyl vivia sendo ofendido por um comerciante. Um dia, os negócios deste último começaram a andar muito mal.

"Deve ser o rabino, que está pedindo vingança a Deus", pensou. E foi pedir desculpas a Nahum.

- Eu o perdôo com o mesmo espírito que você me pede perdão - respondeu o rabino.

Mas as perdas do homem cresceram cada vez mais, ate' que ele ficou reduzido a miséria. Os discípulos de Nahum, horrorizados, foram perguntar o que tinha acontecido.

- Eu o perdoei, mas ele continuou me odiando no fundo de seu coração - disse o rabino. - Então, seu ódio contaminou tudo que fazia, e a punição de Deus tornou-se ainda mais severa.

Para manter o diálogo

A esposa do rabino Iaakov era uma mulher muito difícil; vivia procurando um motivo para discutir com o marido.

Iaakov nunca respondia as provocações.

Até que, durante um jantar com alguns amigos, o rabino terminou discutindo ferozmente com sua mulher, surpreendendo a todos na mesa.

- O que aconteceu? - perguntou um amigo de Iaakov.- Por que abandonou seu costume de jamais responder?

- Porque percebi que o que mais perturbava minha mulher era o fato de ficar em silêncio. Agindo assim, eu permanecia distante de suas emoções.

"Minha reação foi um ato de amor, e eu consegui faze-la entender que escutava suas palavras".

Um tradicional conto sufi

Há muitos anos, numa pobre aldeia chinesa, vivia um lavrador com seu filho. Seu único bem material, além da terra e da pequena casa de palha, era um cavalo que havia sido herdado de seu pai.

Um belo dia, o cavalo fugiu, deixando o homem sem o animal para lavrar a terra. Seus vizinhos – que o respeitavam muito por sua honestidade e diligência – vieram até sua casa para dizer o quanto lamentavam o ocorrido. Ele agradeceu a visita, mas perguntou:

- Como vocês podem saber que o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Alguém comentou baixinho com um amigo: “ele não quer aceitar a realidade, deixemos que pense o que quiser, desde que não se entristeça com o ocorrido”.

E os vizinhos foram embora, fingindo concordar com o que haviam escutado.

Uma semana depois, o cavalo retornou ao estábulo, mas não vinha sozinho; trazia uma bela égua como companhia. Ao saber disso, os habitantes da aldeia – alvoroçados, porque só agora entendiam a resposta que o homem lhes havia dado – retornaram à casa do lavrador, para cumprimentá-lo pela sua sorte.

- Você antes tinha apenas um cavalo, e agora possui dois. Parabéns! – disseram.

- Muito obrigado pela visita e pela solidariedade de vocês – respondeu o lavrador. – Mas como vocês podem saber que o que ocorreu é uma bênção na minha vida?

Desconcertados, e achando que o homem estava ficando louco, os vizinhos foram embora, comentando no caminho “será que este homem não entende que Deus lhe enviou um presente? “

Passado um mês, o filho do lavrador resolveu domesticar a égua. Mas o animal saltou de maneira inesperada, e o rapaz caiu de mau jeito – quebrando uma perna.

Os vizinhos retornaram à casa do lavrador – levando presentes para o moço ferido. O prefeito da aldeia, solenemente, apresentou as condolências ao pai, dizendo que todos estavam muito tristes com o que tinha acontecido.

O homem agradeceu a visita e o carinho de todos. Mas perguntou:

- Como vocês podem saber se o que ocorreu foi uma desgraça na minha vida?

Esta frase deixou a todos estupefatos, pois ninguém pode ter a menor dúvida que um acidente com um filho é uma verdadeira tragédia. Ao saírem da casa do lavrador, diziam uns aos outros: “o homem enlouqueceu mesmo; seu único filho pode ficar coxo para sempre, e ele ainda tem dúvidas se o que ocorreu é uma desgraça”.

Alguns meses transcorreram, e o Japão declarou guerra contra a China. Os emissários do imperador percorreram todo o país, em busca de jovens saudáveis para serem enviados à frente de batalha. Ao chegarem na aldeia, recrutaram todos os rapazes, exceto o filho do lavrador, que estava com uma perna quebrada.

Nenhum dos rapazes retornou vivo. O filho se recuperou, os dois animais deram crias que foram vendidas e renderam um bom dinheiro. O lavrador passou a visitar seus vizinhos para consolá-los e ajuda-los – já que tinham se mostrado solidários com ele em todos os momentos. Sempre que algum deles se queixava, o lavrador dizia: “como sabe se isso é uma desgraça?” Se alguém se alegrava muito, ele perguntava: “Como sabe se isso é uma benção?” E os homens daquela aldeia entenderam que, além das aparências, a vida tem outros significados.

Fragmentos de um diário inexistente - X

De árvores e cidades

No deserto de Mojave, é freqüente encontramos as famosas cidades fantasmas: construídas perto de minas de ouro; eram abandonadas quando todo o produto da terra tinha sido extraído. Haviam cumprindo seu papel, e não tinha mais sentido continuar sendo habitadas.

Quando passeamos por uma floresta, também vemos árvores que - uma vez cumprido seu papel, terminaram caindo. Mas, diferente das cidades-fantasmas, o que aconteceu? Abriram espaço para que a luz penetrasse, fertilizaram o solo, e tem seus troncos cobertos de vegetação nova.

As nossa velhice vai depender da maneira que vivemos. Podemos terminar como uma cidade - fantasma. Ou então como uma generosa árvore, que continua a ser importante, mesmo depois de caída por terra.

O sentido da verdade

Em nome da verdade, a raça humana cometeu seus piores crimes. Homens e mulheres foram queimados. A cultura de civilizações inteiras foi destruída. Os que procuravam um caminho diferente eram marginalizados.

Um deles, em nome da "verdade", terminou crucificado. Mas - antes de morrer - deixou a grande definição da Verdade.

Não é o que nos dá certezas.
Não é o que nos dá profundidade.
Não é o que nos faz melhor que os outros.
Não é o que nos mantém na prisão dos preconceitos.

A verdade é o que nos dá a liberdade. "Conhecereis a Verdade, e a verdade vos libertará", disse Jesus.

Sobre o ritmo e o Caminho

- Faltou algo em sua palestra sobre o Caminho de Santiago - me diz uma peregrina, assim que saímos da Casa de Galicia, em Madrid, onde minutos antes eu acabara de dar uma conferência.

Deve ter faltado muita coisa, pois minha intenção ali era de apenas compartilhar um pouco minha experiência. Mesmo assim, convido-a para tomar um café, curioso em saber o que ela considera como uma omissão importante.

E Begoña – este é seu nome – me diz:

- Tenho notado que a maioria dos peregrinos, seja no Caminho de Santiago, seja nos caminhos da vida, sempre procura seguir o ritmo dos outros.

"No início de minha peregrinação, procurava ir junto com meu grupo. Me cansava, exigia de meu corpo mais do que podia dar, vivia tensa, e terminei tendo problemas nos tendões do pé esquerdo. Impossibilitada de andar por dois dias, entendi que só conseguiria chegar a Santiago se obedecesse meu ritmo pessoal".

"Demorei mais que os outros. Tive que andar sozinha por muitos trechos, mas foi só porque respeitei meu próprio ritmo que consegui completar o caminho. Desde então aplico isso a tudo que preciso fazer na vida: respeito o meu tempo".

Tudo vira pó

As festas de Valência, na Espanha, têm um curioso ritual, cuja origem está na antiga comunidade dos carpinteiros.

Durante o ano inteiro, artesãos e artistas constroem esculturas gigantescas em madeira. Na semana de festa, levam estas esculturas para o centro da praça principal. As pessoas passam, comentam, se deslumbram e se comovem diante de tanta criatividade. Então, no dia de São José, todas estas obras de arte - exceto uma - são queimadas numa gigantesca fogueira, diante de milhares de curiosos.

- Por que tanto trabalho a toa? - perguntou uma inglesa ao meu lado, enquanto as imensas labaredas subiam aos céus.

- Você também vai acabar um dia - respondeu uma espanhola. - Já imaginou se, neste momento, algum anjo perguntasse a Deus: "porque tanto trabalho a toa?"

Duas histórias sobre caminhos

O vaso com rachaduras

Conta a lenda indiana que um homem transportava água todos os dias para a sua aldeia, usando dois grandes vasos que prendia nas extremidades de um pedaço de madeira, e colocava atravessado nas costas.

Um dos vasos era mais velho que o outro, e tinha pequenas rachaduras; cada vez que o homem percorria o caminho até sua casa, metade da água se perdia.

Durante dois anos o homem fez o mesmo percurso. O vaso mais jovem estava sempre muito orgulhoso de seu desempenho, e tinha certeza que estava à altura da missão para o qual tinha sido criado, enquanto o outro vaso morria de vergonha por cumprir apenas a metade de sua tarefa, mesmo sabendo que aquelas rachaduras eram fruto de muito tempo de trabalho.

Estava tão envergonhado que um dia, enquanto o homem se preparava para pegar água no poço, decidiu conversar com ele:

- Quero pedir desculpas, já que devido ao meu tempo de uso, você só consegue entregar metade da minha carga, e saciar a metade da sede que espera em sua casa.

O homem sorriu, e lhe disse:

- Quanto voltarmos, por favor, olhe cuidadosamente o caminho.

Assim foi feito. E o vaso notou que, do seu lado, cresciam muitas flores e plantas.

- Vê como a natureza é mais bela do seu lado? – comentou o homem. – Sempre soube que você tinha rachaduras, e resolvi aproveitar-me deste fato. Semeei hortaliças, flores e legumes, e você as tem regado sempre. Já recolhi muitas rosas para decorar minha casa, alimentei meus filhos com alface, couve e cebolas. Se você não fosse como é, com poderia ter feito isso.

“ Todos nós, em algum momento, envelhecemos e passamos a ter outras qualidades. É sempre possível aproveitar cada uma destas novas qualidades para obter um bom resultado. “

Como a trilha foi aberta

Na edição n. 106 do Jornalinho, (Portugal), encontro uma história que muito nos ensina a respeito daquilo que escolhemos sem pensar:

Um dia, um bezerro precisou atravessar uma floresta virgem para voltar a seu pasto. Sendo animal irracional, abriu uma trilha tortuosa, cheia de curvas, subindo e descendo colinas.

No dia seguinte, um cão que passava por ali, usou essa mesma trilha para atravessar a floresta.Depois foi a vez de um carneiro, líder de um rebanho, que vendo o espaço já aberto, fez seus companheiros seguirem por ali.

Mais tarde, os homens começaram a usar esse caminho: entravam e saíam, viravam à direita, à esquerda, abaixavam-se, desviavam-se de obstáculos, reclamando e praguejando – com toda razão. Mas não faziam nada para criar uma nova alternativa.

Depois de tanto uso, a trilha acabou virando uma estradinha onde os pobres animais se cansavam sob cargas pesadas, sendo obrigados a percorrer em três horas uma distância que poderia ser vencida em trinta minutos, caso não seguissem o caminho aberto por um bezerro.

Muitos anos se passaram e a estradinha tornou-se a rua principal de um vilarejo, e posteriormente a avenida principal de uma cidade. Todos reclamavam do trânsito, porque o trajeto era o pior possível.

Enquanto isso, a velha e sábia floresta ria, ao ver que os homens tem a tendência de seguir como cegos o caminho que já está aberto, sem nunca se perguntarem se aquela é a melhor escolha.

Viajando de maneira diferente

Desde de muito jovem descobri que a viagem era, para mim, a melhor maneira de aprender. Continuo até hoje com esta alma de peregrino, e decidi relatar nesta coluna algumas das lições que aprendi, esperando que possam ser úteis a outros peregrinos como eu.

1] Evite os museus. O conselho pode parecer absurdo, mas vamos refletir um pouco juntos: se você está numa cidade estrangeira, não é muito mais interessante ir em busca do presente que do passado? Acontece que as pessoas sentem-se obrigadas a ir a museus, porque aprenderam desde pequeninas que viajar é buscar este tipo de cultura. É claro que museus são importantes, mas exigem tempo e objetividade – você precisa saber o que deseja ver ali, ou vai sair com a impressão de que viu uma porção de coisas fundamentais para a sua vida, mas não se lembra quais são.

2] Freqüente os bares. Ali, ao contrário dos museus, a vida da cidade se manifesta. Bares não são discotecas, mas lugares aonde o povo vai, toma algo, pensa no tempo, e está sempre disposto a uma conversa. Compre um jornal e deixe-se ficar contemplando o entra-e-sai. Se alguém puxar assunto, por mais bobo que seja, engate a conversa: não se pode julgar a beleza de um caminho olhando apenas sua porta.

3] Esteja disponível. O melhor guia de turismo é alguém que mora no lugar, conhece tudo, tem orgulho de sua cidade, mas não trabalha em uma agência. Saia pela rua, escolha a pessoa com quem deseja conversar, e peça informações (onde fica tal catedral? Onde estão os Correios?) Se não der resultado, tente outra – garanto que no final do dia irá encontrar uma excelente companhia.

4] Procure viajar sozinho, ou – ser for casado – com seu cônjuge. Vai dar mais trabalho, ninguém vai estar cuidando de você(s), mas só desta maneira poderá realmente sair do seu país. As viagens em grupo são uma maneira disfarçada de estar numa terra estrangeira, mas falando a sua língua natal, obedecendo ao que manda o chefe do rebanho, preocupando-se mais com as fofocas do grupo do que com o lugar que se está visitando.

5] Não compare. Não compare nada - nem preços, nem limpeza, nem qualidade de vida, nem meio de transportes, nada! Você não está viajando para provar que vive melhor que os outros – sua procura, na verdade, é saber como os outros vivem, o que podem ensinar, como se enfrentam com a realidade e com o extraordinário da vida.

6] Entenda que todo mundo lhe entende. Mesmo que não fale a língua, não tenha medo: já estive em muitos lugares onde não havia maneira de me comunicar através de palavras, e terminei sempre encontrando apoio, orientação, sugestões importantes, e até mesmo namoradas. Algumas pessoas acham que, se viajarem sozinhas, vão sair na rua e se perder para sempre. Basta ter o cartão do hotel no bolso, e – numa situação estrema – tomar um táxi e mostrá-lo ao motorista.

7] Não compre muito. Gaste seu dinheiro com coisas que não vai precisar carregar: boas peças de teatro, restaurantes, passeios. Hoje em dia, com o mercado global e a Internet, você pode ter tudo sem precisar pagar excesso de peso.

8] Não tente ver o mundo em um mês. Mais vale ficar numa cidade quatro a cinco dias, que visitar cinco cidades em uma semana. Uma cidade é uma mulher caprichosa, precisa de tempo para ser seduzida e mostrar-se completamente.

9] Uma viagem é uma aventura. Henry Miller dizia que é muito mais importante descobrir uma igreja que ninguém ouviu falar, que ir a Roma e sentir-se obrigado a visitar a Capela Cistina, com duzentos mil turistas gritando nos seus ouvidos. Vá à capela Cistina, mas deixe-se perder pelas ruas, andar pelos becos, sentir a liberdade de estar procurando algo que não sabe o que é, mas que – com toda certeza – irá encontrar em mudará a sua vida.

Histórias sobre a verdadeira humildade

Uma coisa deve estar bem clara para todos nós; não podemos confundir humildade com falsa modéstia ou com servilismo. Como diz Castañeda, um guerreiro não abaixa a cabeça para ninguém, mas tampouco deixa que alguém se humilhe diante dele. A seguir, algumas histórias sobre o lado positivo da humildade:

Porque deixar o homem para o sexto dia

Um grupo de sábios reuniu-se num castelo em Akbar, para discutir a obra de Deus; queriam saber por que havia deixado para criar o homem no sexto dia.

- Ele pensava em organizar bem o Universo, de modo que pudéssemos ter todas as maravilhas a nossa disposição - disse um.

- Ele quis primeiro fazer alguns testes com animais, de modo a não cometer os mesmos erros conosco - argumentou outro.

Um sábio judeu apareceu para o encontro. O tema da discussão lhe foi comunicado: "na sua opinião, por que Deus deixou para criar o homem no último dia? "

- Muito simples - comentou o sábio. - Para que, quando fossemos tocados pelo orgulho, pudéssemos refletir: até mesmo um simples mosquito teve prioridade no trabalho Divino.

A pedra que falta

Um dos grandes monumentos da cidade de Kyoto é um jardim zen, uma superfície de areia com quinze rochas.

O jardim original tinha dezesseis rochas. Conta a lenda que, assim que o jardineiro terminou sua obra, chamou o imperador para contempla-la.

- Magnífico - disse o imperador. - E' o mais lindo do Japão. E esta é a mais bela rocha do jardim.

Imediatamente o jardineiro tirou do jardim a pedra que o imperador tanto apreciara, e jogou-a fora.

- Agora o jardim está perfeito – disse para o imperador. – Não existe nada que se sobressaia, e ele pode ser visto em toda a sua harmonia.

"Um jardim, como a vida, precisa ser visto na sua totalidade. Se nos detivermos na beleza de um detalhe, todo o resto parecerá feio".

O céu e o inferno

Um samurai violento, com fama de provocar briga sem motivo, chegou as portas do mosteiro zen e pediu para falar com o mestre.

Sem titubear, Ryokan foi ao seu encontro.

- Dizem que a inteligência é mais poderosa que a força - comentou o samurai. - Será que o senhor consegue me explicar o que é céu e inferno?

Riokan ficou calado.

- Viu? – bradou o samurai. – Eu conseguiria explicar isso com muita facilidade: para mostrar o que é inferno, basta dar uma surra em alguém. Para mostrar o que é céu, basta deixar uma pessoa fugir, depois de ameaçá-la muito.

- Não discuto com gente estúpida como você – comentou o mestre zen.

O sangue do samurai subiu a cabeça. Sua mente ficou turva de ódio.

- Isto é inferno - disse Ryokan, sorrindo. – Deixar-se provocar por bobagens.

O guerreiro ficou desconcertado com a coragem do monge, e relaxou.

- Isso é o céu – terminou Ryokan, convidando-o para entrar. – Não aceitar provocações bobas.

Sobre os reis e seus sábios

O reino deste mundo

Um velho ermitão foi certa vez convidado para ir até a corte do rei mais poderoso daquela época.
- Eu invejo um homem santo, que se contenta com tão pouco – comentou o soberano.
- Eu invejo Vossa Majestade, que se contenta com menos que eu - respondeu o ermitão.
- Como você me diz isto, se todo este país me pertence? - disse o rei, ofendido.

- Justamente por isso. Eu tenho a música das esferas celestes, tenho os rios e as montanhas do mundo inteiro, tenho a lua e o sol, porque tenho Deus na minha alma. Vossa Majestade, porém, tem apenas este reino.

Os ossos do ancestral

Havia um rei de Espanha que se orgulhava muito de seus ancestrais, e que era conhecido por sua crueldade com os mais fracos.

Certa vez caminhava com sua comitiva por um campo de Aragón, onde - anos antes - havia perdido seu pai em uma batalha, quando encontrou um homem santo remexendo uma enorme pilha de ossos.

- O que você está fazendo aí? - perguntou o rei.

- Honrada seja Vossa Majestade - disse o homem santo. - Quando soube que o rei de Espanha vinha por aqui, resolvi recolher os ossos de vosso falecido pai para entregar-vos. Entretanto, por mais que procure, não consigo achá-los: eles são iguais aos ossos dos camponeses, dos pobres, dos mendigos e dos escravos.

Chame outro tipo de médico

Um poderoso monarca chamou um santo padre - que todos diziam ter poderes curativos - para ajuda-lo com as dores na coluna.

- Deus nos ajudará - disse o homem santo. - Mas antes vamos entender a razão destas dores. Sugiro que Sua Magestade se confesse agora, pois a confissão faz o homem enfrentar seus problemas, e o liberta de muitas culpas.

Aborrecido por ter que pensar em tantos problemas, o rei disse:

- Não quero falar destes assuntos; preciso de alguém que cure sem fazer perguntas.

O sacerdote saiu e voltou meia-hora depois com outro homem.

- Eu acredito que a palavra pode aliviar a dor, e me ajudar a descobrir o caminho certo para a cura - disse. - Entretanto, o senhor não deseja conversar, e não posso ajuda-lo. Mas eis aqui quem o senhor precisa: meu amigo é veterinário, e não costuma conversar com seus pacientes.

A parte mais perigosa

Um rei mandou reunir um grupo de sábios para decidir qual era parte mais importante do corpo. O endocrinologista afirmou que eram as glândulas, porque regulavam as funções; o neurologista disse que era o coração, porque sem ele as glândulas não funcionavam. O nutricionista garantiu que era o estômago, porque, sem alimento, o coração não tinha forças para bater.

O mais sábio de todos ouvia tudo em silêncio. Como não chegavam a nenhum acordo, quiseram saber sua opinião.

- Todas estas partes são fundamentais para a vida - disse o mais sábio. - Se faltar uma delas, o corpo morre. Entretanto, a parte mais importante não existe: é o canal imaginário que liga o ouvido a língua.

"Se este canal estiver com problemas, o homem passa a dizer coisas que não ouviu - e ai, não apenas o corpo morre, mas a alma é condenada para sempre".

Um conto de fadas

Maria Emilia Voss, uma peregrina de Santiago, conta a seguinte história:

Por volta do ano 250 a.C., na China antiga, um certo príncipe da região de Thing-Zda estava às vésperas de ser coroado imperador; antes, porém, de acordo com a lei, ele deveria se casar.

Como se tratava de escolher a futura imperatriz, o príncipe precisava encontrar uma moça em quem pudesse confiar cegamente. Aconselhado por um sábio, ele resolveu convocar todas as jovens da região, para encontrar aquela que fosse a mais digna. M

Uma velha senhora, serva do palácio há muitos anos, ouvindo os comentários sobre os preparativos para a audiência, sentiu uma grande tristeza - pois sua filha alimentava um amor secreto pelo príncipe.

Ao chegar em casa e relatar o fato à jovem, espantou-se ao ouvir que ela também pretendia comparecer.

A senhora ficou desesperada:

- Minha filha, o que você fará lá? Estarão presentes apenas as mais belas e ricas moças da corte. Tire esta idéia insensata da cabeça! Eu sei que você deve estar sofrendo, mas não transforme o sofrimento em uma loucura!

E a filha respondeu:

- Querida mãe, não estou sofrendo e muito menos fiquei louca; sei que jamais poderei ser a escolhida, mas é minha oportunidade de ficar pelo menos alguns momentos perto do príncipe, isto já me torna feliz – mesmo sabendo que meu destino é outro.

À noite, quando a jovem chegou ao palácio, lá estavam efetivamente todas as mais belas moças, com as mais belas roupas, as mais belas jóias, e dispostas a lutar de qualquer jeito pela oportunidade que lhes era oferecida.

Cercado de sua corte, o príncipe anunciou o desafio:

- Darei para cada uma de vocês uma semente. Aquela que, dentro de seis meses, me trouxer a flor mais linda, será a futura imperatriz da China.

A moça pegou a sua semente, plantou-a num vaso, e como não tinha muita habilidade nas artes da jardinagem, cuidava terra com muita paciência e ternura - pois pensava que, se a beleza das flores surgisse na mesma extensão de seu amor, ela não precisava se preocupar com o resultado.

Passaram-se três meses e nada brotou. A jovem tentou um pouco de tudo, falou com lavradores e camponeses – que ensinaram os mais variados métodos de cultivo – mas não conseguiu nenhum deu resultado. A cada dia sentia-se mais longe o seu sonho, embora o seu amor continuasse tão vivo como antes.

Por fim, os seis meses se esgotaram, e nada nasceu em seu vaso. Mesmo sabendo que nada tinha para mostrar, estava consciente de seu esforço e dedicação durante todo aquele tempo, de modo que comunicou a sua mãe que retornaria ao palácio, na data e hora combinadas. Secretamente, sabia que este seria seu último encontro com o bem-amado, e não pretendia perde-lo por nada neste mundo.

Chegou o dia da nova audiência. A moça apareceu com seu vaso sem planta, e viu que todas as outras pretendentes tinham conseguido bons resultados: cada uma tinha uma flor mais bela do que a outra, das mais variadas formas e cores.

Finalmente vem o momento esperado: o príncipe entra e observa cada uma das pretendentes com muito cuidado e atenção. Após passar por todas, ele anuncia o resultado - e indica a filha de sua serva como sua nova esposa.

Todos os presentes começam a reclamar, dizendo que ele escolheu justamente aquela que não tinha conseguido cultivar nenhuma planta.

Foi então que, calmamente, o príncipe esclareceu a razão do seu desafio:

- Esta foi a única que cultivou a flor que a tornou digna de se tornar uma imperatriz: a flor da honestidade. Todas as sementes que entreguei eram estéreis, e não podiam nascer de jeito nenhum.

Ao maior de todos

Aproveitando-me do fato que esta coluna é publicada em diversos países, quero abrir espaço para falar da minha experiência pessoal com o maior escritor brasileiro vivo: Jorge Amado. Quem não leu, e quer entender bem a alma do nosso povo, saia correndo agora e compre um de seus livros.

A seguir, três momentos onde nossos destinos se cruzaram.

Atravessando a Avenida Copacabana

Eu tinha editado, com meus próprios recursos, um livro chamado "Os Arquivos do Inferno" (do qual muito me orgulho, e se não está atualmente nas livrarias é unicamente porque ainda não me atrevi a fazer uma revisão completa do mesmo). Todos nós sabemos o quanto é difícil publicar um trabalho, mas existe algo ainda mais complicado: fazer com que ele seja colocado nas livrarias. Todas as semanas minha mulher ia visitar os livreiros em um lado da cidade, e eu ia para outra região fazer a mesma coisa.

Foi assim que, com exemplares de meu livro debaixo do braço, ela ia atravessando a Av. Copacabana, e eis que Jorge Amado e Zélia Gattai estão do outro lado da calçada! Sem pensar muito, ela os abordou e disse que o marido era escritor. Jorge e Zélia (que provavelmente deviam escutar isso todos os dias) a trataram com o maior carinho, convidaram para um café, pediram um exemplar, e terminaram desejando que tudo corresse bem com minha carreira literária.

"Você é louca!" Eu disse, quando ela voltou para casa. "Não vê que ele é o mais importante escritor brasileiro?"

"Justamente por isso", respondeu ela. "Quem chega aonde ele chegou, precisa ter o coração puro".

O recorte no envelope

As palavras de Christine não podiam ser mais acertadas: o coração puro. E Jorge, o escritor brasileiro mais conhecido no exterior, era (e é) a grande referência do que acontecia em nossa literatura.

Um belo dia, porém, *"O Alquimista"*, escrito por outro brasileiro, entra na lista dos mais vendidos da França, e em poucas semanas chega ao primeiro lugar.

Dias depois, recebo pelo correio um recorte da lista, junto com uma carta afetuosa sua, me cumprimentando pelo feito. Jamais entraria, no coração puro de Jorge Amado, sentimentos como o ciúme.

Alguns jornalistas – brasileiros e estrangeiros - começam a provoca-lo, fazendo perguntas maldosas. Jorge, em nenhum instante, se deixa levar pelo lado fácil da crítica destrutiva, e passa a ser meu defensor em um momento difícil para mim, ja que a maior parte dos comentários sobre meu trabalho era muito dura.

O desespero de Anne

Recebo finalmente meu primeiro prêmio literário no exterior – mais precisamente, na França. Acontece que, no dia da entrega, estarei em Los Angeles por causa de compromissos assumidos anteriormente. Anne Carriére, minha editora, fica desesperada. Fala com os editores americanos, que se recusam a abrir mão das minhas conferências já programadas.

A data do prêmio chegando, e o premiado não poderá ir; o que fazer? Anne, sem me consultar, liga para Jorge Amado e explica a situação. Na mesma hora, Jorge se oferece para me representar na entrega do prêmio.

E não se limita a isso: telefona para o embaixador brasileiro e o convida, faz um lindo discurso, deixa todos os presentes emocionados.

O mais curioso de tudo isto, é que eu só iria conhecer Jorge Amado pessoalmente quase um ano depois da entrega do prêmio. Mas sua alma, ah, essa eu aprendera a admirar como eu admiro seus livros: um escritor famoso que jamais despreza os principiantes, um brasileiro que fica contente com o sucesso de seus conterrâneos, um ser humano sempre pronto a ajudar quando lhe pedem algo.

Obrigado, Jorge. Que o mundo cada vez conheça melhor seu trabalho, porque ele foi escrito com o talento de um gênio - por um homem de bem.

Dos encontros que não aconteceram

Creio que, pelo menos uma vez por semana, estamos diante de um estranho com quem gostaríamos de conversar, mas não temos coragem. Há alguns dias recebi uma carta a respeito do assunto, enviada por um leitor que chamarei de Antonio. Transcrevo alguns trechos do ocorrido com ele, e em seguida narro uma experiência minha (que não teve um final tão bom)

A mendiga em Madrid (trechos da carta de Antonio)

"Eu caminhava pela Gran Via quando avistei uma senhora, baixinha, pele clara, bem vestida, pedindo esmola para todos que passavam. Assim que me aproximei, implorou algumas moedas para um sanduíche. Como no Brasil as pessoas que pedem algo sempre estão com roupas velhas e sujas, resolvi não dar-lhe nada adiante e segui adiante. Seu olhar, porém, me deixou com uma sensação estranha.

Fui para o hotel, e de repente senti uma vontade incompreensível de voltar e dar-lhe uma esmola – eu estava de férias, tinha acabado de almoçar, carregava dinheiro no bolso, e deve ser muito humilhante ficar numa rua, exposta aos olhares de todos, pedindo algo.

Voltei ao local onde a tinha visto. Ela não estava mais lá, andei pelas ruas próximas, e nada. No dia seguinte, repeti a peregrinação, sem conseguir encontra-la.

A partir deste dia, não consegui mais dormir direito. Voltei para Fortaleza, falei com uma amiga, ela disse que uma conexão importante não tinha acontecido, que eu devia pedir a ajuda de Deus; rezei, e de alguma maneira escutei uma voz dizendo que precisava encontrar a mendiga novamente. Toda noite eu acordava chorando muito; resolvi que não podia continuar assim, juntei dinheiro, comprei uma nova passagem, e retornei à Madrid em busca da mulher.

Comecei uma busca sem fim, não fazia outra coisa a não ser procura-la, mas o tempo ia passando e o dinheiro acabando. Precisei ir à uma agência de viagens para remarcar meu bilhete - já que estava decidido a só voltar ao Brasil quando a pudesse dar a esmola que tinha deixado de dar.

Quando ia saindo da agência, tropeço num degrau, e sou atirado em direção à alguém: a mulher que buscava.

Num gesto automático coloquei a mão no bolso, tirei o que tinha e estendi para ela; senti uma profunda paz, agradeci a Deus pelo reencontro sem palavras, pela segunda chance.

Depois disso já voltei à Espanha várias vezes, sei que não tornarei a encontra-la, mas cumpri o que meu coração pedia.

O casal que sorria (Londres, 1977)

Eu era casado com Cecília Macdowell, e - num período em que havia decidido largar tudo que não me dava entusiasmo - fomos morar em Londres. Vivíamos no segundo andar de um pequeno apartamento em Palace Street, e tínhamos muita dificuldade em fazer amigos. Todo

noite, porém, um casal jovem, saindo do *pub* ao lado, passava diante de nossa janela e acenava, gritando, para que descêssemos.

Eu ficava preocupadíssimo com os vizinhos; jamais descia, fingindo que não era comigo. Mas o casal repetia sempre a gritaria, mesmo quando ninguém estava na janela.

Certa noite, desci e reclamei do barulho. Na mesma hora, o riso dos dois transformou-se em tristeza; pediram desculpas, e foram embora. Então, naquela noite me dei conta que, embora buscasse amigos, estava mais preocupado com "o que os vizinhos vão dizer".

Resolvi que na próxima vez eu os convidaria para subir e beber algo conosco. Fiquei uma semana inteira na janela, na hora que costumavam passar, mas não apareceram. Passei a freqüentar o pub, na esperança de vê-los, mas o dono não os conhecia.

Coloquei um cartaz na janela, escrito "Chamem novamente". Tudo que consegui foi que um bando de bêbados, certa noite, começasse a gritar todos os palavrões possíveis, e a vizinha – com quem eu tanto me preocupara – terminasse reclamando com o proprietário.

Nunca mais os vi.

A busca da diferença

Você sabe exatamente onde está agora? Você está numa cidade, junto com muita gente, e neste momento existe uma grande chance de várias pessoas abrigarem em seus corações as mesmas esperanças e desesperanças que você abriga.

Vamos adiante: você é um pontinho microscópico na superfície de uma bola. Esta bola gira em torno de outra, que por sua vez está localizada num cantinho de uma galáxia, junto com milhões de bolas semelhantes.

Esta galáxia faz parte de algo chamado Universo, cheio de gigantescos aglomerados estelares. Ninguém sabe exatamente onde começa e onde termina o que chamam de Universo.

Mesmo assim, você é o máximo; luta, se esforça, e tenta melhorar, tem sonhos, fica alegre ou triste por causa do Amor. Se você não estivesse vivo, algo ia estar faltando.

A seguir, algumas histórias sobre o nossos direito de sermos únicos.

A árvore gigantesca

Um carpinteiro e seus auxiliares viajavam pela província de Qi, em busca de material para construções. Viram uma árvore gigantesca; cinco homens de mãos dadas não conseguiam abraça-la, e seu topo era tão alto que quase tocava as nuvens.

- Não vamos perder nosso tempo com esta árvore - disse o mestre carpinteiro. - Para cortá-la, demoraremos muito. Se quisermos fazer um barco, ele afundará, de tão pesado o seu tronco. Se resolvermos usa-la para a estrutura de um teto, as paredes terão que ser exageradamente resistentes.

O grupo seguiu adiante. Um dos aprendizes comentou:

- É uma árvore tão grande e não serve para nada!

- Você está enganado – disse o mestre carpinteiro. - Ela seguiu seu destino a sua maneira. Se fosse igual as outras, nós já a teríamos cortado. Mas porque teve coragem de ser diferente, permanecerá viva e forte por muito tempo.

Quero ser um anjo

O abade João Pequeno pensou: "estou cansado de ser um homem como os outros, preciso ser igual aos anjos, que nada fazem, e vivem contemplando a glória de Deus". Naquela noite, abandonou o mosteiro de Sceta e foi para o deserto.

Uma semana depois, voltou para o convento. O Irmão Porteiro escutou-o bater na porta, e perguntou quem era.

- Sou o abade João - respondeu. - Estou com fome.

- Não pode ser - disse o Irmão Porteiro. - O abade João está no deserto, se transformando em anjo. Já não sente mais fome, e não precisa trabalhar para sustentar-se.

- Perdoa meu orgulho - respondeu o abade João. - Os anjos ajudam a humanidade; este é o trabalho deles, e por isso não precisam comer, apenas contemplar.

"Mas eu sou um homem. A única maneira de contemplar esta mesma glória é fazendo o que os anjos fazem – ajudando meu próximo. O jejum não adianta nada".

Ouvindo o gesto de humildade, o Irmão Porteiro tornou a abrir a porta do convento.

Qual o melhor exemplo

Perguntaram a Dov Beer de Mezeritch:

- Qual o melhor exemplo a seguir? O dos homens piedosos, que dedicam sua vida a Deus sem perguntar por que? OU o dos homens cultos, que procuram entender a vontade do Altíssimo?

- O melhor exemplo é a criança - respondeu Dov Beer.

- A criança não sabe nada. Ainda não aprendeu o que é a realidade! - foi o comentário geral.

- Vocês estão muito enganados, porque ela possui quatro qualidades que nunca devíamos nos esquecer. Está sempre alegre sem razão. Está sempre ocupada. Quando deseja qualquer coisa, sabe exigi-la com insistência e determinação. Finalmente, consegue parar de chorar muito rápido.

Viajando no Ciberespaço

Encontrei este texto na Internet, num local chamado "As Asas de Ângela". É atribuído a um autor desconhecido:

Eu aprendi que eu não posso exigir o amor de ninguém. Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim, e ter paciência para que a vida faça o resto; que não importa o quanto certas coisas são importantes para mim - tem gente que não dá a mínima, e jamais conseguirei convence-las; que posso passar anos construindo uma verdade, e destruí-la em apenas alguns segundos.

Eu aprendi que posso usar meu charme por apenas quinze minutos; depois disso, preciso saber do que estou falando; que eu posso fazer algo em um minuto, e ter que responder por isso o resto da vida; que por mais que você corte um pão em fatias, este pão continua tendo duas faces, e o mesmo vale para tudo que cortamos de nosso caminho.

Eu aprendi que vai demorar muito para me transformar na pessoa que quero ser, e devo ter paciência; que eu posso ir além dos limites que eu própria me coloquei; que eu preciso escolher entre controlar meu pensamento, ou ser controlada por ele.

Eu aprendi que os heróis são pessoas que fazem o que acham que devem fazer naquele momento, independente do medo que sentem; que perdoar exige muita prática; que há muita gente que gosta de mim, mas que não consegue expressar isso.

Eu aprendi que nos momentos mais difíceis, a ajuda veio justamente daquela pessoa que eu achava que ia tentar piorar minha vida; que eu posso ficar furiosa, tenho o direito de me irritar, mas não tenho o direito de ser cruel; que jamais posso dizer a uma criança que seus sonhos são impossíveis. Será uma tragédia para o mundo se eu consigo convencê-la disso.

Eu aprendi que meu melhor amigo vai me machucar de vez em quando, e eu tenho que me acostumar com isso; que não é o bastante ser perdoada pelos outros; eu preciso me perdoar primeiro; que não importa o quanto meu coração esteja sofrendo, o mundo não vai parar por causa disso.

Eu aprendi que as circunstâncias de minha infância são responsáveis pelo que eu sou, mas não pelas escolhas que eu fiz quando adulta; que numa briga, eu preciso escolher de que lado

estou, mesmo quando não quero me envolver; que quando duas pessoas discutem, não significa que elas se odeiam. E quando duas pessoas não discutem, não significa que elas se amam.

Eu aprendi que por mais que eu queira proteger meus filhos, eles vão se machucar, e eu também serei machucada – isso faz parte da vida; que minha existência pode mudar para sempre em poucas horas, por causa de gente que nunca vi antes; que diplomas na parede não me fazem mais respeitável ou mais sábio.

Eu aprendi que a palavra "amor" perde o seu sentido, quando usada sem critério; que certas pessoas vão embora de qualquer maneira; que é difícil traçar uma linha entre ser gentil, não ferir as pessoas, e saber lutar pelas coisas que eu acredito.

O Tibet e a reencarnação

Ao ser perguntado pelo jornalista Mick Brown se era a reencarnação dos Dalai Lamas anteriores, o atual Dalai Lama respondeu:

- É um tema muito complicado. Algumas pessoas se reencarnam, outras são apenas símbolos do ser que desencarnou. Através das minhas vidas anteriores eu penso que sempre tive um laço forte com o meu povo, e todo o meu trabalho espiritual se manifesta naquilo que eu posso fazer para trazer de novo a liberdade ao meu país.

Ou seja: O Dalai Lama não respondeu nem "sim" nem "não". Entretanto, de acordo com os ensinamentos do budismo tibetano, a nossa consciência sutil – que existe em todos os seres humanos, mas normalmente está sempre adormecida – permanece depois da morte. Nesta consciência sutil foram arquivados todas as ações, gestos, e intenções da vida que acaba de terminar; tudo isso, depois de permanecer algum tempo no espaço vazio, termina por encontrar de novo sua forma física em um novo corpo.

O povo tibetano procura arquivar nesta consciência sutil (uma variação daquilo que conhecemos como *alma*) uma série de comportamentos que ajudarão na próxima vida. Quanto mais vezes repetir a tarefa, mais forte será a marca deixada – desta maneira, os rituais religiosos são quase diários.

Mick Brown diz que nossa cultura não aceita a idéia de que uma consciência sutil possa permanecer desmaterializada para logo em seguida manifestar-se de novo. Entretanto, Peter Kedge acredita que os talentos naturais que vemos em certas crianças – como o dom da música, ou da matemática – são resultados de uma consciência que já viveu antes, e agora se manifesta de novo.

No Tibet, não apenas esta consciência é propositadamente desenvolvida, mas também, quando um mestre morre, procura deixar pistas para que seu próximo corpo seja logo reconhecido.

Um dos casos atuais mais conhecidos é o do menino espanhol Osel, hoje com 11 anos de idade e vivendo no norte da Índia. Em 1935 nasceu o Lama Yeshe, que passou sua vida estudando o misticismo tibetano, foi exilado durante a invasão chinesa, e terminou seus dias na Califórnia. No dia de sua morte, chamou seu discípulo favorito e disse que desta vez iria reencarna-se no Ocidente. Passaram-se alguns anos, e o discípulo sonhou com Yeshe, pedindo que agora fosse procurá-lo.

Assim foi: visitando os diversos monastérios fundados pelo seu mestre, terminou na cidade de Bubion, no sul da Espanha, onde encontrou um menino que tinha nascido no dia exato do seu sonho. Mostrou ao garoto uma série de sinos e colares de contas; o menino, então com 2 anos, selecionou exatamente os que tinham pertencido ao Lama Yeshe – sendo proclamado

como sua reencarnação, e levado para um mosteiro para ser educado segundo os ritos tibetanos.

O antecessor do atual Dalai Lama indicou onde deveria renascer. Três ou quatro anos após sua morte, monges foram até uma aldeia na parte leste do Tibet, e encontraram uma criança que correspondia à descrição. Esta criança – O atual Dalai Lama - foi levada até o palácio de Potala, em Lhasa. Assim que chegou, começou a caminhar pelo palácio com bastante naturalidade, e em dado momento viu uma caixa.

- Meus dentes estão ali – disse.

Na verdade, a caixa continha a dentadura postiça do seu predecessor.

A vaga resposta dada pelo Dalai Lama ao jornalista Mick Brown tem sua razão: todos os grandes mestrês tibetanos sempre deixam marcas semelhantes ao exemplo acima, mas é impossível verifica-las ou autentica-las fora do contexto cultural. Isso resultou numa série de falsos mestres pipocando em diferentes pontos do planeta, garantindo que pertenciam a uma linhagem de verdadeiros sábios, mas cujo único propósito era reunir um grupo de discípulos que pudessem colaborar financeiramente para o seu bem-estar.

O irmão do Dalai Lama, Tenzin Choegyal, comenta:

"Como tibetano, eu acredito na reencarnação do homem. Mas o Ocidente parece apenas se preocupar com o exotismo de nossos costumes - como os oráculos, os rituais e a cerimônias. Nada disso tem importância: o ideal máximo, o milagre do Budismo, é permitir que qualquer ser humano com o coração vazio, possa transformar-se numa pessoa repleta de amor e compaixão".

Encontrando o guru

Conheci Mick Brown no aeroporto de Frankfurt. Jornalista do *Daily Telegraph* de Londres, ele fora a enviado para me entrevistar numa escala entre dois vôos. O fato é que terminei deixando para pegar o avião no dia seguinte, já que Mick não era um jornalista comum; tinha percorrido o mundo como um *turista espiritual* (titulo do livro que publicou na Inglaterra), e carregava em sua bagagem muitas histórias.

Entre elas, Mike contou que, certa vez, recebera um panfleto de uma entidade ligada ao misticismo indiano, dizendo que um guru chamado Mahaguru Yogi Arka iria dar uma série de conferencias na Inglaterra. Descobriu que ele estava hospedado numa casa de família, ao norte de Londres, e foi visitá-lo para uma reportagem no seu jornal.

Assim que tocou a campaínha, uma jovem de traços orientais abriu a porta e, sem perguntar nada, fez sinal para que a seguisse até uma sala. Arka estava ali, sentado com as pernas cruzadas, olhos fechados, aparentemente em meditação.

Mike ficou sem saber o que fazer, até que o mestre abriu os olhos e fez sinal para que sentasse diante dele.

- Você tem alguma pergunta?

Ele tinha várias, mas elas pareciam ter fugido do seu pensamento. A única que lhe ocorreu foi:

- O que as pessoas procuram saber, quando procuram um guru como o senhor?

Imagine que você está sentado diante do oceano - disse ele. - O que você deseja do oceano?

Mike pensou um pouco e respondeu:

- Paz.

Arka fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Paz. Você olha o oceano e entende que ele pode lhe trazer paz. Outra pessoa pede um peixe para comer. Há também quem pense que no fundo deste oceano exista petróleo, e

procura saber onde está escondida esta riqueza. As pessoas querem coisas diferentes, mas o oceano é grande, e pode dar a cada um o que pede.

Mike comentou que, em sua vida, tinha encontrado muitos gurus; como saber em quem confiar?

Quando uma pessoa tenta impor sua maneira de pensar a alguém, ela não pode ser chamada de guru – respondeu Arka. – Quem pede para ter confiança, não merece confiança. Quem julga ter a verdade, está no caminho da mentira. Quem deseja converter alguém, não entendeu ainda o significado da espiritualidade.

"Você se lembra de quando pequeno, ir à escola? Ali encontrava professores de inglês, física, química, história. O aprendizado espiritual é feito da mesma maneira: vários mestres ensinam-lhe várias coisas, colaboram para que você cresça interiormente, mas é apenas a sua consciência que pode colocar todo este aprendizado em ordem, e tirar dali o que lhe interessa".

Arka continuou:

- É preciso entender que o caminho é de sua inteira responsabilidade. Você precisará usar o coração e a mente na mesma proporção, e terminará compreendendo que estas duas forças não são inimigas entre si. Então, chegará a uma conclusão importantíssima: toda pergunta já traz em si a própria resposta.

Aquelas palavras faziam sentido. Arka olhava Mike de maneira intensa, e parecia não haver terminado sua explicação.

- E o amor. O amor é a ponte que une a cabeça ao coração, a força que atrai, que mantém os planetas e estrelas nas suas órbitas. Os cientistas chamam o amor de "força de gravidade".
Arka levantou-se.
- Você tem mais alguma coisa a perguntar?
- Se eu quiser encontrar a verdade, o que devo fazer?
Parar de procurá-la. E olhar para o seu lado, ela está ali.

Como diz um velho provérbio zen: se você quiser que as coisas venham até você, saia do meio do caminho, e deixe que elas se aproximem.

Mais histórias de mestres e discípulos

O mestre não sofre com os maus discípulos?

Um discípulo perguntou a Firoz:

- A simples presença de um mestre, faz com que todo tipo de curioso se aproxime, para descobrir algo do que se beneficiar. Isto não pode ser prejudicial e negativo? Isto não pode desviar o mestre do seu caminho, ou fazer com que sofra porque não conseguiu ensinar o que queria?

Firoz, o mestre sufi, respondeu:

- A visão de um abacateiro carregado de frutas desperta o apetite de todos que passam por perto. Se alguém deseja saciar sua fome alem da sua capacidade, termina comendo mais abacates que necessário, e passa mal. Entretanto, isto não causa nenhum tipo de indigestão ao dono do abacateiro.

"O mesmo se passa com a Busca. O caminho precisa estar aberto para todos; mas Deus se encarrega de colocar os limites de cada um".

Além dos próprios limites

Um arqueiro caminhava pelas redondezas de um mosteiro hindu conhecido pela dureza nos ensinamentos, quando viu os monges no jardim - bebendo e se divertindo.

- Como são cínicos aqueles que buscam o caminho de Deus - o arqueiro comentou em voz alta. - Dizem que a disciplina é importante, e se embriagam as escondidas!

- Se você disparar cem flechas seguidas, o que acontecerá com o seu arco? - perguntou o mais velho dos monges.

- Meu arco se quebrará.

- Se alguém se esforça além dos próprios limites, também quebra sua vontade. Quem não equilibra trabalho com descanso, perde o entusiasmo, esgota sua energia, e não chega muito longe.

Ainda está faltando algo

O mestre yogue Paltrul Rinpoché ouviu falar de um ermitão com fama de santo, que morava na montanha. E foi encontrá-lo.

- De onde vem você? - perguntou o ermitão.

- Venho de onde minhas costas apontam, e vou para onde está voltado meu rosto - respondeu Rinpoché. – Um sábio deveria saber disso.

- É uma resposta tola e metida a filosófica – resmungou o ermitão.

- E o senhor, o que faz?

- Medito há vinte anos sobre a perfeição da paciência. Estou perto de ser considerado santo.

- As pessoas acham que você já se transformou no que desejava - comentou Rinpoché. - Você conseguiu enganar todo mundo!

Furioso, o ermitão levantou-se:

- Como ousa perturbar um homem que busca a santidade?

- Ainda falta muito para chegar a isso – disse o yogue. – Se uma simples brincadeira o faz perder a paciência que tanto busca, estes vinte anos foram uma completa falta de tempo!

Reflexão

De Morris West:

"Todo homem, ao nascer, tem sempre uma conta a pagar - porque recebeu um bem, chamado Vida, que precisa ser honrado. Ninguém pode liquidar seu débito de uma vez só, portanto o que fazemos é abrir um crédito - com juros. Podemos ficar um mês ou outro sem fazer o depósito, mas isso sempre nos deixa infelizes".

"Como pagamos esta conta? Vivendo intensamente. Só isso".

Três histórias sobre a fé

Não questionar a busca

Sri Ramakrisna conta que um homem estava prestes a cruzar um rio quando o mestre Bibhishana se aproximou, escreveu um nome numa folha, amarrou-a nas costas do homem, e disse:

- Não tenha medo. Sua fé lhe ajudará a caminhar sobre as águas. Mas no instante em que perder a fé, você se afogará.

O homem confiou em Bibhishana, e começou a caminhar sobre as águas, sem qualquer dificuldade. A certa altura, porém, teve um imenso desejo de saber o que seu mestre havia escrito na folha amarrada em suas costas.

Pegou-a, e leu o que estava escrito:

"Ó deus Rama, ajuda este homem a cruzar o rio".

"Só isto?",pensou o homem. "Quem é esse deus Rama, afinal?"

No momento em que a dúvida instalou-se em sua mente, ele submergiu e afogou-se na correnteza.

O anjo explica a penitência

O *Verba Seniorum* – coleção de textos sobre os monges viviam no deserto, no começo da era cristã – conta a historia de um ermitão que conseguiu jejuar durante um ano, comendo apenas uma vez por semana.

Quando terminou sua penitência, olhou para o céu e pediu que Deus lhe revelasse o verdadeiro significado de determinada passagem bíblica.

Não escutou nenhuma resposta.

"Que desperdício de tempo", pensou consigo mesmo. "Fiz todo este sacrifício e Deus não me responde! Melhor sair daqui e encontrar algum outro monge que saiba o significado deste texto".

Neste momento, apareceu um anjo.

- Os doze meses de jejum só serviram para você acreditar que era melhor que os outros, e Deus não escuta os vaidosos - disse o anjo. - Mas quando você foi humilde, pensou em pedir ajuda ao seu próximo, Deus me enviou.

E o anjo revelou ao monge o que ele queria saber.

Sobre a lei do retorno

Um homem caminhava por um vale dos Pirineus franceses, quando encontrou um velho pastor. Dividiu com ele seu alimento, e ficaram um longo tempo conversando sobre a vida. Em um dado momento, o tema começou a girar em torno da existência de Deus.

- Se eu acreditar em Deus – disse o homem – tenho que aceitar também que não sou livre, e nada do que faço é minha responsabilidade. Pois as pessoas dizem que Ele é onipotente, e conhece o presente, o passado e o futuro.

O pastor começou a cantar. Como estavam num desfiladeiro de montanhas, a música ecoava suavemente e enchia o vale.

De repente, o pastor interrompeu a música, e começou a blasfemar contra tudo e todos. Os gritos do pastor também refletiram nas montanhas, e voltaram até onde os dois se encontravam.

- A vida é este vale, as montanhas são a consciência do Senhor, e a voz do homem é o seu destino – disse o pastor. – Somos livres para cantar ou blasfemar, mas tudo aquilo que fizermos, será levado até Ele, e nos será devolvido da mesma forma.

"Deus é o eco de nossas ações".

Bem e mal se enfrentam

Meu novo livro "O demônio e a Srta. Prym" trata de um tema que vem nos vem atormentando desde a noite dos tempos: afinal de contas, nossa natureza é boa ou má? Para escrever sobre isso, pesquisei várias escolas, lendas, e estudos filosóficos. Duas destas teorias me chamaram atenção, justamente por serem muito antigas, e mostrarem posições diferentes.

Pérsia: o homem como aliado do bem

A primeira história que se tem notícia, sobre a divisão entre Bem e Mal, nasce na antiga Pérsia: o deus do tempo, depois de haver criado o universo, dá-se conta da harmonia à sua volta, mas sente que falta algo muito importante – uma companhia com quem desfrutar toda aquela beleza.

Durante mil anos, ele reza para conseguir ter um filho. A história não diz para quem ele pede algo, já que é todo poderoso senhor único e supremo; mesmo assim ele reza, e termina engravidando.

Ao perceber que conseguiu o que queria, o deus do tempo fica arrependido, consciente de que o equilíbrio das coisas era muito frágil. Mas é tarde demais, seu filho já está a caminho;

tudo que ele consegue com seu pranto, é fazer com que o filho que trazia no ventre se divida em dois.

Conta a lenda que da oração do deus do tempo nasce o Bem (Ormuz), do seu arrependimento nasce o Mal (Arimã) – irmãos gêmeos.

Preocupado, ele arranja tudo para que Ormuz saia primeiro do seu ventre, controlando o seu irmão, e evitando que Arimã cause problemas ao universo. Entretanto, como o Mal é esperto e capaz, consegue empurrar Ormuz na hora do parto, e nasce primeiro.

Desolado, o deus do tempo resolve criar companheiros para Ormuz: faz nascer a raça humana, que lutará com ele para dominar Arimã, e evitar que o Mal tome conta de tudo.

Na lenda persa, a raça humana nasce como aliada do Bem, e segundo a tradição, irá vencer no final. Outra história sobre a Divisão, entretanto, surgem, muitos séculos depois, desta vez com uma versão oposta: o homem como instrumento do Mal.

Bíblia: a divisão traz a dor e o sofrimento

Penso que a maioria sabe do que estou falando: um homem e uma mulher estão no jardim do Paraíso, gozando todas as delícias que possam imaginar. Só existe uma única proibição – o casal jamais pode conhecer o que significa Bem e Mal. Diz o Senhor Todo Poderoso (Gen: 17): "*da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás*".

E um belo dia surge a serpente, garantindo que este conhecimento era mais importante que o próprio paraíso, e eles deviam possuí-lo. A mulher recusa-se, dizendo que Deus a ameaçou de morte, mas a serpente garante que não acontecerá nada disso: muito pelo contrário, no dia em que souberem o que é Bem e Mal, serão iguais a Deus.

Convencida, Eva come o fruto proibido, e dá parte dele à Adão. A partir daí, o equilíbrio original do paraíso é desfeito, e os dois são expulsos e amaldiçoados. Mas existe uma frase enigmática, dita por Deus, que dá toda razão à serpente: *"Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do Bem e do Mal"*.

Também neste caso (igual ao do deus do tempo, que reza pedindo algo, embora seja o senhor absoluto) a Bíblia não explica com quem o Deus único está falando; e, se ele é único, por que está dizendo algo como *"um de nós"*.

Seja como for, desde suas origens a raça humana está condenada a mover-se na eterna Divisão entre os dois opostos. E aqui estamos nós, com as mesmas dúvidas dos nossos antepassados, e sem nenhuma resposta mais original a respeito.

Três histórias do misticismo iraniano

O turbante de Nasrudin

Nasrudin apareceu na corte com um magnífico turbante, pedindo dinheiro para caridade.

- você veio me pedir dinheiro, e está usando um ornamento muito caro na cabeça. Quanto custou esta peça extraordinária? - perguntou o soberano.

- Quinhentas moedas de ouro - respondeu o sábio sufi.

O ministro sussurrou: "É mentira. Nenhum turbante custa esta fortuna".

Nasrudin insistiu:

- Não vim aqui só para pedir, vim também para negociar. Paguei tanto dinheiro pelo turbante, porque sabia que, em todo o mundo, apenas um soberano seria capaz de comprá-lo por seiscentas moedas, para que eu pudesse dar o lucro aos pobres.

O sultão, lisonjeado, pagou o que Nasrudin pedia. Na saída, o sábio comentou com o ministro:

- Você pode conhecer muito bem o valor de um turbante, mas sou eu quem conhece até onde a vaidade pode levar um homem.

Igual ao casamento

Nasrudin passou o outono inteiro semeando e preparando seu jardim. As flores se abriram na primavera - e Nasrudin reparou alguns dentes-de-leão, que não havia plantado.

Nasrudin arrancou-os. Mas o pólen já estava espalhado, e outros tornaram a crescer. Ele procurou um veneno que atingisse apenas os dentes-de-leão. Um técnico disse-lhe que qualquer veneno ia terminar matando as outras flores. Desesperado, pediu ajuda a um jardineiro.

- É igual ao casamento - comentou o jardineiro. - Junto com coisas boas, terminam sempre vindo algumas poucas inconveniências.

- Que faço? - insistiu Nasrudin.

- Nada. Mesmo sendo flores que você não planejou ter, fazem parte do jardim.

Aceitando a compaixão

- Como purificamos o mundo?- perguntou um discípulo.

Ibn al-Husayn respondeu:

- Havia um sheik em Damasco chamado Abu Musa al-Qumasi. Todos o honravam por causa de sua sabedoria, mas ninguém sabia se era um homem bom.

"Certa tarde, um defeito de construção fez com que desabasse a casa onde o sheik vivia com a sua mulher. Os vizinhos, desesperados, começaram a cavar as ruínas; em dado momento, conseguiram localizar a esposa do sheik".

"Ela disse: "Deixem-me. Salvem primeiro o meu marido, que estava sentado mais ou menos ali".

"Os vizinhos removeram os destroços no lugar indicado, e encontraram o sheik. Este disse:" Deixem-me. Salvem primeiro a minha mulher, que estava deitada mais ou menos ali".

"Quando alguém age como agiu este casal, está purificando o mundo inteiro".

Reflexão

Do livro "O Caminho da Nobreza Sufi":

"Receba aquele que o procura, e não corra atrás de quem o rejeita: assim, você está criando um laço de harmonia com o seu semelhante".

"Um noviço não deve ser expulso por causa de suas faltas; ele está fazendo um esforço para melhorar, e isto deve ser apreciado e honrado por todos".

"Um estranho não deve ser aceito por causa de suas qualidades. Quando vemos alguém muito ansioso para mostrar como é bom e compreensivo, precisamos testá-lo com severidade - porque ele pode ter perdido a humildade. Confie em sua primeira impressão, por mais absurda que pareça".

O sufismo

Em muitas destas colunas, eu já contei histórias sufi, algumas das quais onde seu principal personagem – Nasrudin, o louco que sempre consegue ser mais inteligente que os sábios – consegue sempre surpreender o leitor com seus atos. Hoje eu gostaria de deixar um pouco de lado estas histórias, e procurar escrever um pouco sobre o tema em si.

A definição enciclopédica descreve o sufismo o esoterismo islâmico – e, por esta razão, sempre foi muito mal recebido no mundo muçulmano. Nasceu por volta do século X, e parte do seguinte princípio: através de uma série de práticas religiosas não convencionais, o fiel pode ter uma relação direta com Deus. A mais comum destas práticas é a dança, e a transmissão da filosofia se faz através de pequenas lendas, como as que contei na semana passada.

No meu segundo dia de visita ao Iran, fui convidado para assistir uma cerimônia sufi. Num pequeno apartamento em Teerã, com as luzes apagadas, as velas acesas, os instrumentos de percussão soando, foi possível ver como esta tradição espiritual pode conservar sua pureza até hoje.

O encontro começou as nove da noite. Por quase meia hora, um homem – usando um tom de voz que parecia sair do fundo da alma – cantava de uma maneira quase monótona. Quando ele parou de cantar, começaram os instrumentos de percussão, com um ritmo muito semelhante ao que estamos acostumados a ver nas cerimônias de religiões afro-brasileiras.

Foi então que, seguindo a mesma linha ritual destas religiões que conhecemos tão bem, alguns homens levantaram-se (nós estávamos todos sentados em torno de um espaço vazio no meio da sala) e começaram a girar em torno de si mesmos.

A cerimônia toda durou uma hora, durante a qual os dançarinos riam alto, diziam palavras incompreensíveis (mesmo para as pessoas que falam persa), e demonstravam estar em um profundo transe. Aos poucos, foram parando de girar, a percussão diminuiu, e as luzes da sala foram acesas.

Perguntei a um deles o que havia sentido.

- Estive em contacto com a energia do Universo - respondeu. - Deus passou por minha alma.

- É preciso fazer algo mais? Ter uma crença especial, uma prática constante? – perguntei.

- Segundo um dos mais importantes teólogos do Islã, o sufismo não é uma doutrina, nem um sistema de crenças. É uma tradição de iluminação através de tudo que é dinâmico.

Abu Muhammad Mutaish diz: “O sufi é aquele cujo pensamento caminha na mesma velocidade que seu pé”. Ou seja, sua alma está onde está o seu corpo, e vice-versa. Onde um sufi está, ali se encontra também tudo aquilo que ele é: o trabalhador, o místico, o intelectual, o contemplativo, o que se diverte.

O sufismo é universal na medida em que aceita que a sabedoria foi transmitida ao homem através de grandes profetas, como Jesus, Moisés, Salomão, e seres iluminados de outras culturas. Entretanto, sua raiz permanece totalmente enterrada no Islã e na concepção islâmica do mundo.

O sistema de aprendizado do sufi é semelhante ao das chamadas ordens ocultas - envolvendo um mestre, discípulos, revelação de práticas à medida que se progride no treinamento, graças especiais (baraka), etc. O mestre precisa ter o que chamamos de “Carisma”, ou seja, uma força que pode unir-se com o coração de quem o encontra.

Um dos grandes conhecedores do sufismo na atualidade, conhecido pelas iniciais A. M. , diz:

“O método central do sufismo é o desenvolvimento de nossa percepção para aceitar o Amor. O Amor é a única coisa que ativa a inteligência e a criatividade, algo que nos purifica e nos liberta. Ser um sufi, é ser capaz de amar, e estar atento às necessidades daquele a quem amamos (o Deus Todo Poderoso), e usar cada gesto para aproximar-se Dele, durante as 24 horas do dia”.

Como eu disse no início, a maior parte dos ensinamentos sufi vem através de histórias populares, cheias de ironia. Para não fugir à tradição, termino esta coluna com uma delas.

Nasrudin, o mestre louco do sufismo, tinha um búfalo. Os chifres afastados faziam-no pensar que, se conseguisse sentar entre eles, seria o mesmo que estar em um trono. Certo dia, quando o animal estava distraído, ele foi até lá e fez o que imaginava. Na mesma hora, o búfalo levantou-se e atirou-o longe.

Sua mulher, ao ver aquilo, começou a chorar.

“Não chore”, disse Nasrudin, assim que conseguiu recuperar-se. “ Tive meu sofrimento, mas ao menos realizei também o meu desejo”.

Das coisas visíveis e invisíveis

Certa vez perguntaram ao escultor Michelangelo como fazia para criar obras tão magníficas.

“É muito simples”, respondeu Michelangelo. “Quando olho um bloco de mármore, vejo a escultura dentro. Tudo que tenho que fazer é retirar as aparas”.

No fundo, a vida é a arte de ver além das aparências. A obra de arte de nossa existência está, muitas vezes, coberta por anos de medos, culpas, indecisões. Mas se nós decidirmos tirar estas aparas, se não duvidamos de nossa capacidade, seremos capazes de levar adiante a missão que nos foi destinada. A seguir, algumas histórias sobre a arte de enxergar melhor o que está acontecendo:

Acreditando sem ver

Um imperador disse ao rabino Yeoschoua ben Hanania:

- Eu gostaria muito de ver o vosso Deus.

- É impossível - respondeu o rabino.

- Impossível? Então, como posso confiar minha vida a Alguém que não posso ver?

- Mostre-me o bolso onde tem guardado o amor por sua mulher. E deixa-me pesa-lo, para ver se é grande.

- Não seja tolo; ninguém pode guardar o amor num bolso.

- O sol é apenas uma das obras que o Senhor colocou no universo e - no entanto - você não pode olha-lo diretamente. Tampouco pode ver o amor, mas sabe que é capaz de apaixonar-se por uma mulher ,e confiar sua vida a ela. Não lhe parece evidente que existem certas coisas em que confiamos sem ver?

O rosto oculto

Nasrudin foi até a casa de um homem rico, pedir dinheiro para obras de caridade.

Um pajem veio abrir o portão.

- Anuncie que o mullah Nasrudin esta aqui, e precisa de dinheiro para ajudar os outros - disse o sábio.

O pajem entrou, e voltou minutos depois.

- Meu senhor não está em casa.

- Então, permita-lhe que eu lhe deixe um conselho, mesmo que ele não tenha contribuído para as obras de caridade. Da próxima vez em que não estiver em casa, peça-o para não deixar o seu rosto da janela - senão as pessoas podem achar que ele está mentindo.

Vendo a si mesmo

- Quando olhar os seus companheiros procure enxergar a si mesmo - disse o mestre japonês Okakura Kakuso:

- Mas isto não é uma atitude egoísta? - questionou um discípulo. - Se ficarmos preocupados conosco, jamais veremos o que os outros tem de bom para oferecer.

- Oxalá sempre conseguíssemos ver as coisas boas que estão à nossa volta – contestou Kakuso. – Mas na verdade, quando olhamos o próximo, estamos apenas procurando defeitos. Tentamos descobrir sua maldade, porque desejamos que seja pior que nós. Nunca o perdoamos quando nos ferem, porque achamos que jamais seríamos perdoados por ele. Conseguimos feri-lo com palavras duras, afirmando que dizemos a verdade – quando estamos apenas tentando ocultá-la de a nós mesmos. Fingimos que somos importantes, para que ninguém possa ver nossa fragilidade.

"Por isso, sempre que estiver julgando o seu irmão, tenha consciência de que é você quem está no tribunal".

Contemplando o perigo O discípulo disse ao mestre:

- Tenho passado grande parte do meu dia vendo coisas que não devia ver, desejando coisas que não devia desejar, fazendo planos que não devia fazer.

O mestre convidou o discípulo para um passeio.No caminho, apontou uma planta e perguntou se o discípulo sabia o que era.

- Beladona. Pode matar quem comer suas folhas.

- Mas não pode matar quem apenas a contempla.Da mesma maneira, os desejos negativos não podem causar nenhum mal – se você não se deixar seduzir por eles.

Petrus e o bom combate

Em 1986, fiz pela primeira e única vez a peregrinação conhecida como O Caminho de Santiago. Tinhamos acabado de subir uma pequena elevação, no horizonte apareceu um vilarejo, e foi então que meu guia, a quem chamo de Petrus (embora não seja esse o seu nome), me disse:

– Olhe em volta e fixe sua visão em um ponto qualquer; depois, concentre-se no que eu vou falar.

Eu escolhi a cruz de uma igreja que conseguia ver ao longe. Petrus começou:

– O homem nunca pode parar de sonhar; o sonho é o alimento da alma, como a comida é o alimento do corpo. Muitas vezes, em nossa existência, vemos nossos sonhos desfeitos e nossos desejos frustrados, mas é preciso continuar sonhando, senão nossa alma morre. Muito sangue já rolou no campo diante dos seus olhos, e aí foram travadas algumas das batalhas mais cruéis da Reconquista. Quem estava com a razão, ou com a verdade, não tem importância: o importante é saber que ambos os lados estavam combatendo o Bom Combate.

"O Bom Combate é aquele que é travado porque o nosso coração pede. Nas épocas heróicas, no tempo dos cavaleiros andantes, isto era fácil, havia muita terra para conquistar e muita coisa para fazer. Hoje em dia, porém, o mundo mudou muito, e o Bom Combate foi transportado dos campos de batalha para dentro de nós mesmos".

"O Bom Combate é aquele que é travado em nome de nossos sonhos. Quando eles explodem em nós com todo o seu vigor – na juventude – nós temos muita coragem, mas ainda não aprendemos a lutar".

"Depois de muito esforço, terminamos aprendendo a lutar, e então já não temos a mesma coragem para combater. Por causa disto, nos voltamos contra nós e combatemos a nós mesmos, e passamos a ser nosso pior inimigo. Dizemos que nossos sonhos eram infantis, difíceis de realizar, ou fruto de nosso desconhecimento das realidades da vida. Matamos nossos sonhos porque temos medo de combater o Bom Combate".

"O primeiro sintoma de que estamos matando nossos sonhos é a falta de tempo. As pessoas mais ocupadas que conheci na minha vida sempre tinham tempo para tudo. As que nada faziam estavam sempre cansadas não davam conta do pouco trabalho que precisavam realizar, e se queixavam de que o dia era curto demais: na verdade, elas tinham medo de combater o Bom Combate".

"O segundo sintoma da morte de nossos sonhos são nossas certezas. Porque não queremos aceitar a vida como uma grande aventura a ser vivida, passamos a nos julgar sábios, justos e corretos no pouco que pedimos da existência. Olhamos para além das muralhas do nosso dia-dia, ouvimos o ruído de lanças que se quebram, o cheiro de suor e de pólvora, as grandes quedas e os olhares sedentos de conquista dos guerreiros. Mas nunca percebemos a

alegria, a imensa Alegria que está no coração de quem está lutando, porque para estes não importa nem a vitória nem a derrota, importa apenas combater o Bom Combate".

"Finalmente, o terceiro sintoma da morte de nossos sonhos é a Paz. A vida passa a ser uma tarde de Domingo, sem nos pedir grandes coisas, e sem exigir mais do que queremos dar. Achamos então que estamos maduros, deixamos de lado as fantasias da infância, e conseguimos nossa realização pessoal e profissional. Mas na verdade, no íntimo de nosso coração, sabemos que o que aconteceu foi que renunciamos à luta por nossos sonhos, a combater o Bom Combate".

" Quando renunciamos aos nossos sonhos e encontramos a paz, temos um pequeno período de tranqüilidade. Mas os sonhos mortos começam a apodrecer dentro de nós, e infestar todo o ambiente em que vivemos.

"Começamos a nos tornar cruéis com aqueles que nos cercam, e finalmente passamos a dirigir esta crueldade contra nós mesmos. Surgem as doenças e as psicoses. O que queríamos evitar no combate – a decepção e a derrota – passa a ser o único legado de nossa covardia. E um belo dia, os sonhos mortos e apodrecidos tornam o ar difícil de respirar e passamos a desejar a morte, que nos livra de nossas certezas, de nossas ocupações, e daquela terrível paz das tardes de domingo".

Sobre as maneiras de rezar

O arcebispo Macarius afirma, em um de seus escritos, que as portas do Céu estão abertas para quem usar a oração. Entretanto, nem sempre valorizamos este poderoso instrumento de comunicação com Deus, por considera-lo simples ou – paradoxalmente - complicado demais. Vale lembrar que na Bíblia, em II Reis (capitulo 20), um poderoso exemplo da força da oração é citado.

O profeta Isaias vai até a cada de Ezequias, e anuncia: "põe em ordem tua casa, porque vais morrer".

Ezequias, desesperado, volta-se conta a parede, e clama ao Senhor: "Andei fielmente diante de Ti, fazendo o que era agradável a Teus olhos! " E chora.

Antes que Isaias deixe o pátio interno, o Senhor dirige-se de novo a ele: "Volta e diz a Ezequias, meu servo; eis que escutei tua prece e vi tuas lágrimas. Vou te curar, e acrescentarei quinze anos à tua vida".

A seguir, algumas histórias sobre a importância da oração.

Como ficar perto de Deus

Um homem perguntou a al-Husayn:

- O que devo fazer para ficar mais perto de Deus?

- Conte-Lhe um segredo. E não deixe que ninguém neste mundo saiba o que foi dito; assim, um laço de confiança será estabelecido com a Divindade.

- Só isto?

Al-Husayn disse:

- Estabeleça uma relação firme no começo de sua jornada espiritual. Reze.

- Todo mundo faz isso. Será que não há nenhuma maneira de comunicar-me melhor com Deus?

- Já lhe expliquei - disse al-Husayn. - Mas você já quer chegar ao final antes de começar, e isto não é possível.

Como servir a Deus

O monge Chu Lai descansava perto de um riacho, quando um jovem aproximou-se.

- Quero saber qual a melhor maneira de servir a Deus - pediu.

- Oração - respondeu o monge.
- E qual a pior maneira?
- Ofensas ao próximo.
- Pensei que fosse as ofensas a Deus.

- Está enganado - respondeu Chu Lai. - Deus está em toda parte, e você poderá encontra-Lo sempre que se arrepender. Mas o próximo pode viajar para um lugar distante, e você não terá oportunidade de pedir perdão.

A oração dos rebanhos

A tradição judaica conta a historia de um pastor que sempre dizia ao Senhor: "Mestre do Universo, se tiveres um rebanho, eu o guardarei de graça, já que Te amo muito".

Certo dia, um sábio ouviu a estranha prece. Preocupado com uma ofensa a Deus, ensinou ao pastor as rezas que conhecia.

Mas, assim que se separaram, o pastor esqueceu as orações; com medo de ofender a Deus pedindo para guardar rebanhos, resolveu abandonar por completo qualquer tipo de reza.

Naquela mesma noite, o sábio teve um sonho:

"Quem guardará os rebanhos do Senhor?" Dizia um anjo. "O pastor rezava com seu coração, e você ensinou-o a rezar com a boca".

No dia seguinte o sábio voltou ao campo, pediu perdão ao pastor, e incluiu a Prece do Rebanho em seu livro de orações.

As histórias de Murali

Eu costumo dar uma olhada nos fóruns que discutem meus livros na Internet; através do leitor, o escritor tem uma visão mais clara do seu trabalho. Num destes fóruns, existe um indiano chamado Murali, que volta e meia coloca alguns textos muito interessantes na rede. Aqui vão alguns:

A menina e a tempestade

A garota costumava caminhar todos os dias até a escola. Uma tarde de tempestade, ela começou a demorar muito; os ventos sopravam cada vez com mais força, os trovões e raios sacudiam a vizinhança.

A mãe, preocupada, telefonou para a escola, e informaram a menina já havia saído. Ao ver que ela não chegava, colocou uma capa de chuva, e saiu - imaginando que a filha devia estar paralisada de medo, escondida talvez na casa de um vizinho, chorando, e esperando a tempestade passar.

Para sua tranqüilidade, assim que dobrou a esquina, viu a menina andando lentamente em direção à casa; mas parava cada vez que caía um raio, olhava para o céu, e sorria.

A mãe chegou correndo, colocou a menina debaixo de sua capa, e perguntou por que ela tinha demorado tanto.

- Você não está vendo os flashes? – disse a criança. – Deus está tirando fotos de mim!

Outra menina e outra tempestade

Uma garota (mais velha que a da primeira história) ia em direção à casa de sua avó, situada no alto de uma montanha. Chovia a cântaros, o vento frio soprava, e trovões pipocavam a cada segundo.

Quando já estava quase chegando ao seu destino, sentiu algo roçando seus pés. Ao olhar para baixo, viu que era uma cobra.

- Eu estou quase morrendo - disse a serpente. – Está muito frio, não há comida nesta montanha, por favor me proteja! Coloque-me debaixo do seu casaco, salve minha vida, e eu serei sua melhor amiga.

Apesar da tempestade, a menina parou e começou a refletir. Olhou a pele dourada e verde da serpente, e disse para si mesmo que jamais tinha visto algo tão belo. Pensou o quanto deixaria com inveja os seus amigos de classe, ao aparecer com uma cobra que a defenderia de tudo. Finalmente disse:

- Está bem. Eu vou salva-la, porque todos os seres vivos merecem carinho.

A cobra ficou amiga da menina, serviu para assustar as pessoas agressivas no colégio, fez companhia nos dias solitários. Até que uma noite, quando ela estava fazendo suas lições de casa, sentiu uma dor aguda no pé direito. Ao olhar para baixo, viu que a cobra a havia mordido.

- você é venenosa! – gritou. – Vou morrer logo!

A cobra não disse nada.

- Como você fez isso comigo? Eu salvei sua vida!

- Aquele dia, quando você se abaixou para me salvar, sabia que eu era uma cobra, não sabia?

E, lentamente, rastejou para fora.

Reflexão

Um texto do escritor Richard Bach:

"Não existem erros. Os acontecimentos que atraímos para nós, por mais desagradáveis que sejam, são necessários para ensinar o que necessitamos aprender. Quando iniciamos a vida, cada um de nós recebe um bloco de mármore e as ferramentas necessárias para converter este bloco em escultura. Podemos arrastá-lo intacto a vida toda, podemos reduzi-lo a cascalho, ou podemos dar-lhe uma forma gloriosa".

"Eis aqui um teste para verificar se sua missão na Terra está cumprida":

"Responda rápido: você está vivo?".

" Se a resposta é 'Sim', então ainda falta muita coisa a fazer".

William Blake, o visionário.
"Ver o Universo no grão de areia".
e o Paraíso em uma flor;
segurar o Infinito na palma de sua mão
e notar a Eternidade em uma hora".

Estas quatro linhas podem sintetizar o que, hoje em dia, se chama "a nova consciência" – a capacidade de entender que tudo está interligado, os instantes mágicos fazem parte do cotidiano, e basta um pouco de abertura interior para perceber que somos capazes de mudar por completo a nossa realidade, eliminando a maior parte das coisas que nos deixa insatisfeitos. Na época em que tais versos foram escritos, porém, eles passaram quase despercebidos.

Seu autor, o inglês William Blake (1757-1827), nasceu de uma família pobre,e morreu totalmente rejeitado pelos círculos intelectuais da época. Alegavam os críticos que misturava muito misticismo ao seu trabalho, tinha comportamentos estranhos (como, por exemplo, ficar nu com sua mulher no jardim de uma casa de campo que lhe tinha sido emprestada), ser demasiadamente inocente em seus textos.

Os críticos morreram, e Blake é hoje considerado – não apenas por sua literatura, mas também por suas gravuras, que tive oportunidade de ver na Tate Gallery, em Londres – um dos artistas mais completos do milênio passado.

Blake conta que, ainda criança, estava em um parque perto de Londres quando viu anjos nas árvores, e o profeta Ezequiel surgiu entre as criaturas aladas. Mais tarde, já com 30 anos, o seu irmão menor morreu – e Blake garante que seu espírito lhe apareceu alguns dias depois,

coberto de luz, para ensiná-lo a fazer "livros não impressos", ou seja, gravar texto e ilustrações de modo artesanal, em tiragens limitadíssimas.

Seguindo o conselho, Blake começa a desenvolver uma tese que chama "os estados contrários da alma humana".

Um destes estados é a inocência, quando a imaginação nos leva ao crescimento.

O outro estado é a experiência, quando a nossa imaginação se vê diante de regras, moralidade, e repressão.

Blake viveu intensamente sua vida, morreu pobre mas garantindo que tinha feito tudo o que desejava. Em um de seus trabalhos mais polêmicos, "O casamento do céu e do inferno" – ele diz ter visitado o reino das trevas, e anotado os provérbios que os demônios costumavam dizer entre si. A seguir, uma seleção destes provérbios.

"Na época de semear, aprende. Na época da colheita, ensina. No inverno, aproveita".

"A estrada dos excessos leva ao palácio da sabedoria"

"A cisterna contém; mas a fonte transborda".

"A Prudência é uma solteirona velha e rica, cortejada pela Incapacidade".

"Um tolo não vê a mesma árvore que vê um sábio".

"O que deseja, mas não age, semeia a peste".

"Nenhum pássaro voa demasiado alto apenas com a ajuda de suas próprias asas".

"As prisões foram construídas com as pedras da lei, e os bordéis, com as pedras da religião".

"O que hoje está provado, ontem era apenas um sonho".

"Tudo que pode ser imaginado, é um reflexo da verdade".

"Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos do conhecimento".

"De água parada, sempre espere o veneno".

"A raposa cuida de si mesma; mas Deus cuida do leão".

"O homem que melhor te conhece é aquele que permitiu ser abusado por ti".

"As orações não aram; os elogios não amadurecem".

"Nunca saberás o que é suficiente, se não te permites saber o que é mais que suficiente".

Mestres e discípulos se enfrentam

O pássaro está vivo?

O jovem estava no final de seu treinamento, em breve passaria a ensinar.Como todo bom aluno, precisava desafiar seu professor, e desenvolver sua própria maneira de pensar. Capturou um pássaro, colocou-o numa das mãos, e vai até ele:

- Mestre, este pássaro está vivo ou morto?

Seu plano era o seguinte: se o mestre dissesse "morto" ele abriria a mão e o pássaro voaria. Se a resposta fosse "vivo", ele esmagaria a ave entre os dedos; assim, o mestre sempre estaria errado.

- Mestre, o pássaro está vivo ou morto? - insiste.

- Meu caro aluno, isto vai depender de você - é o comentário do mestre.

O peixe salvou minha vida

Nasrudin, o mestre louco da tradição sufi, passa diante de uma gruta, vê um yogue em plena meditação, e pergunta o que ele está buscando.

- Contemplo os animais, e aprendi deles muitas lições que podem transformar a vida de um homem - diz o yogue.

- Ensine-me o que sabe. E eu ensinarei o que aprendi, pois um peixe já salvou minha vida - responde Nasrudin.

O yogue espanta-se: só um santo pode ter a vida salva por um peixe. E resolve ensinar tudo que sabe.

Quando termina, diz a Nasrudin:

- Agora que já lhe ensinei tudo, ficaria orgulhoso de saber como um peixe salvou sua vida.

- É simples. Eu estava quase morrendo de fome quando o pesquei, e graças a ele pude sobreviver três dias.

O estrangeiro quer aprender

- Não temos portões em nosso mosteiro - Shantih comenta com o visitante que ali chegara em busca do conhecimento.

- E como fazem com os ladrões?

- Não há nada de valioso aqui dentro. Se houvesse, já teríamos dado a quem precisa.

- E as pessoas inoportunas, que vem perturbar a paz de vocês?

- Nós as ignoramos, e elas vão embora - diz Shantih.

- Eu sou um homem preparado, que vim em busca do conhecimento - insiste o estrangeiro. - Mas os estúpidos? Basta ignora-los e eles vão embora? Isto dá resultado?

Shantih não responde. O visitante insiste algumas vezes, mas vendo que não obtinha resposta, resolve partir em busca de um mestre mais concentrado no que fazia.

“Viu como dá resultado?” disse Shantih para si mesmo, sorrindo.

Jean passeia em Paris

Jean passeava com seu avô em Paris. A determinada altura viu um sapateiro sendo destratado por um cliente, que alegava defeitos em seu calçado. O sapateiro escutou calmamente a reclamação, pediu desculpas, e prometeu refazer o erro.

Jean e o avô pararam para tomar um café. Na mesa ao lado, o garçom pediu que um homem – com aparência de importante – movesse um pouco a cadeira, para abrir espaço. O homem irrompeu numa torrente de reclamações, e negou-se.

- Nunca esqueça do que viu - disse o avô. -O sapateiro aceitou uma reclamação, enquanto este homem a nosso lado não quis mover-se. Os homens que fazem algo útil, não se incomodam de serem tratados como inúteis. Mas os inúteis sempre se julgam importantes, e escondem toda a sua incompetência atrás da autoridade.

Num bar em Buenos Aires

Estou com a escritora venezuelana Dulce Rojas, tomando um café em Buenos Aires; discutimos sobre a idéia da paz, que tem andado muito distante do coração humano. Dulce então me conta a seguinte história:

Um rei ofereceu um grande prêmio para o artista que melhor pudesse retratar a idéia da paz. Muitos pintores enviaram seus trabalhos ao palácio, mostrando bosques ao entardecer, rios tranqüilos, crianças correndo na areia, arco-íris no céu, gotas de orvalho em uma pétala de rosa.

O rei examinou todo o material que lhe foi enviado, mas terminou selecionando apenas dois trabalhos.

O primeiro mostrava um lago tranqüilo, espelho perfeito das montanhas poderosas e do céu azul que o rodeava. Aqui e ali se podiam ver pequenas nuvens brancas, e, para quem reparasse bem, no canto esquerdo do lago existia uma pequena casa, a janela aberta, a fumaça saindo da chaminé – o que era sinal de um jantar frugal, mas apetitoso.

O segundo quadro também mostrava montanhas. Mas estas eram escabrosas, os picos afiados e escarpados. Sobre as montanhas o céu estava implacavelmente escuro, e das nuvens carregadas saiam raios, granizo e chuva torrencial.

A pintura estava em total desarmonia com os outros quadros enviados para o concurso. Entretanto, quando se observava o quadro cuidadosamente, notava-se numa fenda da rocha inóspita, um ninho de pássaro. Ali, no meio do violento rugir da tempestade, estava sentada calmamente uma andorinha.

Ao reunir sua corte, o rei elegeu esta segunda pintura como a que melhor expressava a idéia da perfeita paz.

E explicou:

- Paz não é aquilo que encontramos em um lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho duro, mas o que permite manter a calma em nosso coração, mesmo no meio das situações mais adversas. Este é o seu verdadeiro e único significado.

Como aprende a girafa

Minha geração foi (bem) alimentada com as biografias escritas por Irving Stone, retratando homens como Michelangelo, Van Gogh ou Charles Darwin. Quando lhe perguntaram se havia algum traço que unisse estas pessoas, Stone respondeu:

"A maioria deles foi atacada, derrotada, insultada, e por muitos anos não chegou a lugar nenhum. Entretanto, cada vez que caíam por terra, tinham capacidade de recuperar-se e tentar de novo. Os grandes gênios são aqueles que nunca deram ao inimigo o poder de destruí-los".

O comentário de Stone fez um amigo meu lembrar-se de "A View from the Zoo", um interessantíssimo livro onde Gary Richmond traça paralelos entre o comportamento animal e humano. Em uma de suas mais agudas observações, está a descrição do processo de nascimento de uma girafa.

Para começar, o bebê despenca de uma considerável altura, batendo com toda força no solo. A mãe, com seu longo pescoço move-se um pouco para o lado, e vê que a cria se debate para colocar-se de pé. Imediatamente, ela estende sua longa pata, e dá um chute não muito delicado, de modo que a girafinha termina rolando sobre si mesma. Vários chutes são dados, até que, já cansada, a recém-nascida consegue finalmente levantar-se, de modo a fugir daquele comportamento agressivo.

Neste momento, ao invés de ficar orgulhosa, a mãe tem uma atitude estranha: de novo chuta a sua cria, que cai e torna a levantar-se mais depressa.

Por que? Ela quer que a girafinha aprenda rápido que irá viver em um mundo cheio de leões, hienas, leopardos, caçadores.

Se não aprende logo a levantar-se quando cai, jamais irá poder desfrutar a vida que tem pela frente.

Fragmentos de um diário inexistente – XI

1992 Brasília: como achei a capa de "As Valkírias"

Eu acabara de escrever "As Valkirias", e estava no aeroporto de Brasília, esperando a hora de embarcar, e pensando que capa deveria ter o livro.

O avião atrasou, comecei a passear pelo saguão, e descobri uma pequena galeria de arte no segundo andar, onde vi um quadro do Arcanjo Miguel, tema central do livro. Bastou ler a assinatura da pintora – Walkiria – para decidir que aquele quadro seria a capa.

As coincidências não param ai. "As Valkirias" foi publicado no dia 3 de agosto de 1992. Na semana seguinte, meu editor recebeu uma carta da pintora:

"Faz exatamente um ano – 3 de agosto de 1991 – que terminei uma restauração numa igreja de Goiás. Fiz sem cobrar nada, apenas por amor. Neste dia, o padre me chamou e disse: "Deus encontrará uma maneira de lhe pagar. Em um ano, um trabalho seu será muito conhecido".

1993 New York: Tudo é uma coisa só

Reunião na casa de um pintor paulista que esta vivendo em New York. Conversamos sobre anjos e sobre alquimia.

Em determinado momento, tento explicar a outros convidados a idéia alquímica de que cada um de nós contem dentro de si o Universo inteiro – e é, portanto, responsável por ele; luto com as palavras, mas não consigo uma boa imagem que explique meu ponto de vista.
O pintor, que está escutando calado, pede para que todos olhem pela janela do seu estúdio.
- O que estão vendo? - pergunta.
- Uma rua do Village - responde alguém.

O pintor cola um papel no vidro, de modo que a rua não pode mais ser vista. Com um canivete, corta um pequeno quadrado no papel.
- E, se alguém olhar por aqui, o que verá?
- A mesma rua – é a resposta.
O pintor faz vários quadrados no papel.

- Assim como cada buraquinho neste papel contém, dentro dele, a visão inteira da mesma rua, cada um de nós contém, em sua alma, o reflexo do mesmo Universo - diz ele.

1979 Cabo Frio: A Casa da Flor

Perto da ilha da Conceição, em Cabo Frio, existe uma estranha construção chamada Casa da Flor. Hoje em dia, uma heróica associação tenta manter um dos mais significativos e belos monumentos daquela região.

Seu dono ainda estava vivo quando o músico e compositor Roberto Menescal me levou para conhece-la. Trata-se de uma casa e um jardim construído com cacos de ladrilhos e vidros coloridos – centenas, milhares de pedaços de louça.

- Cinqüenta anos atrás sonhei com um anjo, que me pediu que fizesse uma casa com cacos - disse o dono, um humilde lavrador local. – Resolvi seguir o que o anjo dizia, e nunca mais parei.

Fiquei muito impressionado com o que vi, e resolvi levar alguns amigos para visitar o lugar. Entre eles, estava um espanhol, que vive em Barcelona.

- Muito curioso – disse o espanhol. – O maior arquiteto catalão, Anton Gaudi, tem um trabalho exatamente igual a este. A única diferença é que as casas e jardins de Gaudi são reconhecidas pelo mundo inteiro como uma das mais importantes revoluções da arquitetura.

“ E sabe o que mais? Diz a lenda que Gaudi iniciou este tipo de construção porque um anjo o mandou fazer isso. Você sabe qual a razão que fez este lavrador construir este lugar?”

- A mesma razão. Talvez o mesmo anjo – respondi. – Mas desta vez falando com alguém cujos conterrâneos eram capazes de respeitar o resultado do seu trabalho.

Uma história para o dia de Natal

Conta uma antiga e conhecida lenda, que três cedros nasceram nas outrora lindas florestas do Líbano. Como todos nós sabemos, os cedros levam muito tempo para crescer, e estas arvores passaram séculos inteiros pensando sobre a vida, a morte, a natureza, os homens.

Presenciaram a chegada de uma expedição de Israel, enviada por Salomão, e mais tarde viram a terra coberta de sangue durante as batalhas com os assírios. Conheceram Jezabel e o profeta Elias, inimigos mortais. Assistiram a invenção do alfabeto, e deslumbraram-se com as caravanas que passavam, cheias de tecidos coloridos.

Um belo dia resolveram conversar sobre o futuro.

- Depois de tudo o que tenho visto - disse a primeira árvore - quero ser transformada no trono do rei mais poderoso da terra.

- Eu gostaria de ser parte de algo que transformasse para sempre o Mal em Bem - comentou a segunda.

- Por meu lado, queria que toda vez que olhassem para mim pensassem em Deus - foi a resposta da terceira.

Mais algum tempo se passou, e lenhadores apareceram. Os cedros foram derrubados, e um navio os carregou para longe.

Cada uma daquelas árvores tinha um desejo, mas a realidade nunca pergunta o que fazer com os sonhos; a primeira serviu para construir um abrigo de animais, e as sobras foram usadas para apoiar o feno. A segunda árvore virou uma mesa muito simples, que logo foi vendida para um comerciante de móveis. Como a madeira da terceira árvore não encontrou compradores, foi cortada e colocada no armazém de uma cidade grande.

Infelizes, elas se lamentavam: " Nossa madeira era boa, e ninguém encontrou algo de belo para usa-la".

Algum tempo se passou e, numa noite cheia de estrelas, um casal que não conseguia encontrar refúgio resolveu passar a noite no estábulo que tinha sido construído com a madeira da primeira árvore. A mulher gritava, com dores do parto, e terminou dando a luz ali mesmo, colocando seu filho entre o feno e a madeira que o apoiava.

Naquele momento, a primeira árvore entendeu que seu sonho tinha sido cumprido: ali estava o maior de todos os reis da Terra.

Anos depois, numa casa modesta, vários homens sentaram-se em torno da mesa que tinha sido feita com a madeira da segunda árvore. Um deles, antes que todos começassem a comer, disse algumas palavras sobre o pão e o vinho que tinha diante de si.

E a segunda árvore entendeu que, naquele momento, ela sustentava não apenas um cálice e um pedaço de pão, mas a aliança entre o homem e a Divindade.

No dia seguinte, retiraram dois pedaços do terceiro cedro, e o colocaram em forma de cruz. Deixaram-no jogado em um canto, e horas depois trouxeram um homem barbaramente ferido, que cravaram em seu lenho. Horrorizado, o cedro lamentou a herança bárbara que a vida lhe deixara.

Antes que três dias decorressem, porém, a terceira árvore entendeu seu destino: o homem que ali estivera pregado, era agora a Luz que tudo iluminava. A cruz feita com sua madeira tinha deixado de ser um símbolo de tortura, para transformar-se em sinal de vitória.

Como sempre acontece com os sonhos, os três cedros do Líbano tinham cumprido o destino que desejavam - mas não da maneira que imaginavam.

Reflexões à margem do rio Piedra

O instante mágico

É preciso correr riscos. Só entendemos direito o milagre da vida quando deixamos que o inesperado aconteça.

Todos os dias Deus nos dá – junto com o sol – um momento em que é possível mudar tudo que nos deixa infelizes. Todos os dias procuramos fingir que não percebemos este momento, que ele não existe, que hoje é igual a ontem - e será igual a amanhã. Mas, quem presta atenção ao seu dia, descobre o instante mágico.

Ele pode estar escondido na hora em que enfiamos a chave na porta pela manhã, no instante de silêncio logo após o jantar, nas mil e uma coisas que nos parecem iguais. Este

momento existe – um momento em que toda a força das estrelas passa por nós, e nos permite fazer milagres.

A felicidade às vezes é uma bênção – mas geralmente é uma conquista. O instante mágico do dia nos ajuda a mudar, nos faz ir em busca de nossos sonhos. Vamos sofrer, vamos ter momentos difíceis, vamos enfrentar muitas desilusões – mas tudo é passageiro, e não deixa marcas. E, no futuro, podemos olhar para trás com orgulho e fé.

Pobre de quem teve medo de correr os riscos. Porque este talvez não se decepcione nunca, nem tenha desilusões, nem sofra como aqueles que têm um sonho a seguir. Mas quando olhar para trás – porque sempre olhamos para trás – vai escutar seu coração dizendo:

"O que fizeste com os milagres que Deus semeou por teus dias? O que fizeste com os talentos que teu Mestre te confiou? Enterraste fundo em uma cova, porque tinhas medo de perdê-los. Então, esta é a tua herança: a certeza de que desperdiçaste tua vida".

Pobre de quem escuta estas palavras. Porque então acreditará em milagres, mas os instantes mágicos da vida já terão passado.

Nascendo de novo

Às vezes somos possuídos por uma sensação de tristeza que não conseguimos controlar. Percebemos que o instante mágico daquele dia passou, e nada fizemos. Então, a vida esconde sua magia e a sua arte.

Tenho que escutar a criança que fui um dia, e que ainda existe dentro de mim. Esta criança entende de instantes mágicos; podemos sufocar seu pranto, mas não podemos calar sua voz.

Esta criança que fui um dia continua presente; bem-aventurados os pequeninos, porque deles é o Reino dos Céus.

Se não nascer de novo, se não tornar a olhar a vida com a inocência e o entusiasmo da infância, não existe mais sentido em viver.

Existem muitas maneiras de se cometer suicídio; os que tentam matar o corpo ofendem a lei de Deus. Os que tentam matar a alma, também ofendem a lei de Deus, embora seu crime seja menos visível aos olhos do homem.

Eu tenho que prestar atenção ao que me diz a criança que tenho guardada no peito. Não posso me sentir envergonhado por causa dela. Não posso deixar que ela tenha medo, porque está só, e quase nunca é ouvida.

Preciso permitir que ela tome um pouco as rédeas de minha existência: esta criança sabe que um dia é diferente do outro.

Vou fazer com que ela sinta-se de novo amada. Vou agradá-la – mesmo que signifique agir de maneira a que não estou acostumado, mesmo que pareça tolice aos olhos dos outros.

Preciso me lembrar que a sabedoria dos homens é loucura diante de Deus. Se escutar esta criança que carrego na minha alma, meus olhos tornarão a brilhar. Se não perder o contato com esta criança, não perderei o contato com a vida.

A segunda chance

- Sempre fui fascinado pela história dos livros Sibilinos - eu comentava com Mônica, minha amiga e agente literária, enquanto viajávamos de carro para Portugal. - É preciso aproveitar as oportunidades, ou elas se perdem para sempre.

As Sibilas, feiticeiras capazes de prever o futuro, viviam na antiga Roma. Um belo dia, uma delas apareceu no palácio do imperador Tibério com nove livros; disse que ali estava o futuro do Império, e pediu dez talentos de ouro pelos textos.Tibério achou caríssimo e não quis comprar.

A sibila saiu, queimou três livros, e voltou com os seis restantes. "São dez talentos de ouro", disse. Tibério riu, e mandou-a embora; como tinha coragem de vender seis livros pelo mesmo preço de nove?

A sibila queimou mais três livros e voltou para Tibério com os únicos três volumes que restavam: " custam os mesmos dez talentos de ouro". Intrigado, Tibério terminou comprando os três volumes, e só pode ler uma pequena parte do que futuro.

Quando terminei de contar a história, me dei conta que estávamos passando por Ciudad Rodrigo, na fronteira de Espanha com Portugal. Ali, quatro anos antes, um livro me havia sido oferecido, e eu não comprei.

- Vamos parar. Creio que o fato de ter me lembrado dos livros Sibilinos, foi um sinal para corrigir um erro do passado.

Na primeira viagem de divulgação de meus livros na Europa, resolvera almoçar naquela cidade. Depois, fui visitar a catedral, e encontrei um padre. "Veja como o sol da tarde faz tudo mais bonito aqui dentro", disse ele. Gostei do comentário, conversamos um pouco, e ele me guiou pelos altares, claustros, jardins interiores do templo. No final, ofereceu-me um livro que havia escrito sobre a igreja; mas eu não quis comprar. Quando saí, senti-me culpado; sou escritor, e estava na Europa tentando vender meu trabalho - por que não comprar o livro do padre, por solidariedade? Mas esqueci o episódio. Até aquele momento.

Parei o carro; Mônica e eu nos encaminhamos para a praça em frente à igreja, onde uma mulher olhava o céu.

- Boa tarde. - Vim aqui encontrar um padre que escreveu um livro sobre esta igreja.

- O padre, que se chamava Stanislau, morreu faz um ano - respondeu ela.

Senti uma imensa tristeza. Por que eu não tinha dado ao padre Stanislau a mesma alegria que eu sentia quando via alguém com um dos meus livros?

- Foi um dos homens mais bondosos conheci – continuou a mulher.- Vinha de uma família humilde, mas chegou a tornar-se um especialista em arqueologia; ajudou a conseguir para meu filho uma bolsa no colégio.

Contei a ela o que fazia ali.

- Não se culpe à toa, meu filho - disse. –Vá visitar de novo a catedral.

Achei que era um sinal, e fiz o que ela mandava. Havia apenas um padre num confessionário, esperando os fiéis que não vinham. Dirigi-me para ele; o padre fez sinal que me ajoelhasse, mas eu o interrompi.

- Não quero me confessar. Vim apenas comprar um livro sobre esta igreja, escrito por um homem chamado Stanislau.

Os olhos do padre brilharam. Ele saiu do confessionário e voltou minutos depois com um exemplar.

- Que alegria você ter vindo só por isso! - disse. - Sou irmão do padre Stanislau, e isto me enche de orgulho! Ele deve estar no céu, contente por ver que seu trabalho tem importância!

Com tantos padres ali, eu tinha encontrado justamente o irmão de Stanislau. Paguei o livro, agradeci, ele me abraçou. Quando eu já ia saindo, escutei sua voz.

- Veja como o sol da tarde faz tudo mais bonito aqui dentro! - disse.

Eram as mesmas palavras que o padre Stanislau me dissera quatro anos antes. Sempre há uma segunda chance na vida.

Algumas reflexões sobre o momento presente

Já que estamos no começo de um novo ano, seria interessante ler alguns textos que escreveram sobre a importância de colocar nossas decisões e desejos em prática.

O dia de hoje (autor anônimo)

A coisa mais importante que você possui é o dia de hoje.

O dia de hoje, mesmo que esteja espremido entre o ontem e o amanhã, deve merecer sua total prioridade. Só hoje você pode ser feliz; o amanhã ainda não chegou e já é muito tarde para ter sido feliz ontem. A grande maioria das nossas dores são frutos dos restos de ontem ou dos medos de amanhã.

Viva o dia de hoje com sabedoria: decida como irá alimentar seus minutos, o seu trabalho, o seu descanso, e faça tudo que seja possível para que o dia de hoje seja seu, já que ele lhe foi dado tão generosamente.

Respeite-o de tal maneira que, quando for dormir, você possa dizer: hoje eu fui capaz de viver e amar.

A velha e as nuvens *(Osho)*

Era uma vez uma senhora que, quanto mais envelhecia, mais se sentia jovem. Dizia que a velhice nada tem a ver com o tempo, mas com a maneira com que vivia o dia de hoje.

Todos se admiravam com a alegria daquela mulher. Um dia, um estrangeiro aproximou-se dela:

- Vejo que é uma pessoa feliz. Mas no seu passado, não existiram muitas nuvens que cobriam o sol?

- Claro! Se não fosse assim, como eu poderia ter sentir agora a fertilidade da chuva?

A *indecisão (Susanna Tamaro)*

Se no dia de hoje você estiver indeciso, pense nas árvores, lembre-se da maneira que elas crescem. Lembre-se que uma árvore com muitas folhas e poucas raízes pode cair com o menor golpe de vento, enquanto a outra, que tem mais raízes que folhas, dá pouca sombra. Raízes e folhas devem crescer nas mesmas proporções, e você também – de modo que possa dar a todos confiança e refrigério, flores e frutos.

Quando muitos caminhos se mostrarem, e você não tiver certeza de qual escolher, não aja forçado pela impaciência, mas sente-se e reflita. Respire profundamente, com confiança, como se hoje fosse o dia em que você veio ao mundo. Em silêncio, escuta seu coração; e assim que ouvir o que ele tem para lhe dizer, levante-se e siga sua sugestão.

Provérbios sobre o dia de hoje

Se alguém me dissesse que o fim do mundo seria amanhã, mesmo assim eu plantaria uma macieira.

Martinho Lutero

Estejamos sempre presentes em nosso presente.

Lanza del Vasto

Para manter o espírito saudável, é importante fazer pelo menos uma coisa louca por dia.

Dorola

Eu não posso mudar o que já aconteceu, mas posso mudar minha maneira de viver.

Jacques Salomé

Mais histórias sobre a sabedoria sufi

Não importa fingir-se de tolo

O mullah Nasrudin (personagem central de quase todas as histórias da tradição sufi) já se havia transformado numa espécie de atração da feira principal da cidade. Quando se dirigia até ali para pedir esmolas, as pessoas costumavam lhe mostrar uma moeda grande, e uma pequena: Nasrudin sempre escolhia a pequena.

Um senhor generoso, cansado de ver as pessoas rirem de Nasrudin, explicou-lhe:

"Sempre que lhe oferecerem duas moedas, escolha a maior. Assim terá mais dinheiro, e não será considerado idiota pelos outros".

"O senhor deve ter razão", respondeu Nasrudin. "Mas se eu sempre escolher a moeda maior, as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro, para provar que sou mais idiota que elas. E, desta maneira, não poderei mais ganhar meu sustento. Não há nada de errado em se passar por tolo, se na verdade o que você está fazendo é inteligente".

Somos todos responsáveis

A comitiva passou pela rua; soldados fortemente armados levavam um condenado para a forca.

"Este homem não prestava", comentou um discípulo com Nasrudin. "Uma vez dei-lhe uma moeda de prata para ajudá-lo a levantar-se de novo na vida, e ele não fez nada de importante".

"Talvez ele não preste, mas pode estar agora caminhando para forca por sua causa", contestou o mestre. "É possível que tenha utilizado a esmola para comprar um punhal, que terminou usando no crime cometido; então, suas mãos também estão ensangüentadas – porque, ao invés de ajudá-lo com amor e carinho, preferiu dar-lhe uma esmola e livrar-se de sua obrigação".

Cada coisa em seu lugar

A festa reuniu todos os discípulos de Nasrudin. Comeram e beberam por muitas horas, e conversaram sobre a origem das estrelas. Quando já era quase madrugada, todos se prepararam para voltar as suas casas.

Restava um belo prato de doces sobre a mesa: Nasrudin obrigou os seus discípulos a come-lo.

Um deles, porém, se recusou.

"O mestre está nos testando" disse. "Quer ver se conseguimos controlar nossos desejos".

"Você esta enganado", respondeu Nasrudin. "A melhor maneira de dominar um desejo, é vê-lo satisfeito. Prefiro que vocês fiquem com o doce no estômago – que é seu verdadeiro lugar – do que no pensamento, que deve ser usado para coisas mais nobres".

A reflexão

Do livro "O Caminho da Nobreza Sufi:"

"Sempre receba aquele que o procura, e não corra atrás de quem o rejeita. Desta maneira, você estará criando um laço de harmonia com o seu semelhante".

"Um noviço não deve ser expulso por causa de suas faltas. Quando alguém está fazendo um esforço para melhorar, isto deve ser apreciado e honrado por todos".

"Um estranho não deve ser aceito por causa de suas qualidades".

"Quando vemos alguém muito ansioso para mostrar como é bom e compreensivo, precisamos testá-lo com severidade. Porque ele busca aplauso para seus gestos, e pode ter perdido completamente a humildade".

"Vá sempre além das aparências. Escute, veja, e confie em suas impressões".

A oração de Petrus no caminho de Santiago

Em determinado momento de minha peregrinação, chegamos a um campo de trigo liso e monótono, que se estendia por todo o horizonte. A única coisa quebrando o tédio da paisagem era uma coluna medieval encimada por uma cruz, que marcava o caminho dos peregrinos. Quanto chegamos até ela, Petrus – o meu guia - largou a mochila no chão e se ajoelhou. Pediu que eu fizesse o mesmo.

– Vamos rezar para que, caso você consiga encontrar a sua espada, segure-a sempre com a mão firme.

Petrus disse que admirava muito o poeta brasileiro Vinícius de Moraes, e que desejava fazer uma oração tendo como base a sua poesia. Então começou:

- Tende piedade dos que têm piedade de si mesmos, e se acham bons e injustiçados pela vida, porque não mereciam as coisas que lhe aconteceram – pois estes jamais vão conseguir combater o Bom Combate. E tende piedade dos que são cruéis consigo mesmos, e só vêem maldade nos próprios atos, e se consideram culpados pelas injustiças do mundo. Porque estes não conhecem Tua lei que diz: *"até os fios de tua cabeça estão contados"*.

"Tende piedade dos que mandam e dos que servem muitas horas de trabalho, e se sacrificam a troco de um domingo onde está tudo fechado e não existe lugar onde ir. Mas tende piedade dos que santificam sua obra e vão além dos limites de sua própria loucura, e terminam endividados ou pregados na cruz por seus próprios irmãos. Porque estes não conheceram Tua lei que diz: *"sede prudente como as serpentes e simples como as pombas"*.

"Tende piedade dos que comem, e bebem, e se fartam, mas são infelizes e solitários em sua fartura. Mas tende mais piedade dos que jejuam, censuram, proíbem e se sentem santos, e vão pregar Teu nome pelas praças. Porque estes não conhecem Tua lei que diz: *"se eu testifico a respeito de mim mesmo, meu testemunho não é verdadeiro"*.

"Tende piedade dos que temem a Morte e desconhecem os muitos reinos que caminharam e as muitas mortes que já morreram, e são infelizes porque pensam que tudo vai acabar um dia. Mas tende mais piedade dos que já conheceram suas muitas mortes, e hoje se julgam imortais, porque desconhecem Tua lei que diz: *"quem não nascer de novo não poderá ver o Reino de Deus"*.

"Tende dos que não acreditam em nada, porque estes nunca vão ouvir a música das esferas. Mas tende mais piedade dos que possuem a fé cega, e nos laboratórios transformam mercúrio em ouro, e estão cercados de livros sobre os segredos do Tarot e o poder das pirâmides. Porque estes não conhecem Tua lei que diz: *"é das crianças o reino dos céus"*.

"Tende piedade dos que não vêem ninguém além de si mesmos, fechados em suas limusines, que se trancam em escritórios refrigerados no último andar, e sofrem em silêncio a solidão do poder. Mas tende piedade dos que abriram mão de tudo, e são caridosos, e procuram vencer o mal apenas com amor, porque estes desconhecem Tua lei que diz: *"quem não tem espada, que venda sua capa e compre uma"*.

"Tende piedade de nós, Senhor. Porque muitas vezes pensamos que estamos vestidos e estamos nus, pensamos que cometemos um crime e na verdade salvamos alguém. Não vos esqueceis, em vossa piedade, que desembainhamos a espada com a mão de um anjo e a mão de um demônio segurando no mesmo punho. Porque estamos no mundo, continuamos no mundo e precisamos de Ti. Precisamos sempre de Tua lei que diz: *"quando vos mandei sem bolsa, sem alforge e sem sandálias, nada vos faltou"*.

Petrus parou de rezar. O silêncio continuava. Ele estava olhando fixo o campo de trigo a nossa volta.

Das muitas faces de Deus

O poço e o seu segredo

Numa pequena aldeia de Marrocos, um homem contemplava o único poço de toda a região.
Um garoto aproximou-se:
O que tem lá dentro? – quis saber
Deus.
Deus está escondido dentro deste poço?

Está
Quero ver – disse o garoto, desconfiado.
O velho pegou-o no colo e ajudou-o a debruçar-se na borda do poço. Refletido na água, o menino pode ver o seu próprio rosto.
Mas este sou eu – gritou.
Isso mesmo – disse o homem, tornando a colocar delicadamente o menino no chão. Agora você sabe onde Deus está escondido.

Não fica nada

Um noviço estava na cozinha, lavando as folhas de alface para o almoço, quando um velho monge – conhecido por sua rigidez excessiva, que obedecia mais ao desejo de autoridade que à verdadeira busca espiritual – aproximou-se.
você pode me dizer o que o superior do convento disse hoje no sermão?
Não consigo me lembrar. Sei apenas que gostei muito.
O monge ficou estupefato.
Justamente você, que tanto deseja servir a Deus, é incapaz de prestar atenção nas palavras e conselhos daqueles que conhecem melhor o caminho? Por isso que as gerações de hoje estão tão corrompidas; já não respeitam o que os mais velhos tem para ensinar.
Olha bem o que estou fazendo – respondeu o noviço. – Estou lavando as folhas de alface, mas a água que as deixa limpas não fica presa nelas; termina sendo eliminada pelo cano da pia. Da mesma maneira, as palavras que purificam são capazes de lavar a minha alma, mas nem sempre permanecem na memória.
"Não vou ficar lembrando de tudo que me dizem, só para provar que sou culto e superior aos demais. Tudo aquilo que me deixa mais leve, como a música e as palavras de Deus, termina sendo guardado em um recanto secreto do meu coração. E ali permanecem para sempre, vindo à superfície somente quando eu preciso de ajuda, de alegria, ou de consolo".

Reflexão

De Antoine Saint-Exupéry, autor de "O Pequeno Príncipe":
"No fundo, existe apenas um único problema neste mundo: como fazer com que o homem encontre de novo o sentido espiritual da vida, como provocar a nós mesmos para que retomemos o caminho que nos faz olhar nossas próprias almas. Para isso, é necessário acreditar que a humanidade possa receber um banho da força luminosa que vem de cima, e que os ares sejam inundados por algo parecido com o canto gregoriano. Não podemos continuar vivendo como se o mundo se resumisse a geladeiras, políticos, orçamentos, e palavras cruzadas".